



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

Maria Machado Correia Cantante Pires

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais

Orientadora:

Professora Doutora Maria de Fátima Ferreiro
Instituto Universitário de Lisboa- Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa
(IUL-ISCTE)

[Setembro, 2012]

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

Maria Machado Correia Cantante Pires

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais

Orientadora:

Professora Doutora Maria de Fátima Ferreiro
Instituto Universitário de Lisboa- Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa
(IUL-ISCTE)

[Setembro, 2012]

Agradecimentos

Mais do que agradecer por me ter sido permitido uma experiência tão fantástica como a de desenvolver um trabalho científico numa organização voluntária no sopé dos Himalaias, com os pés assentes na Terra, AVANI em sânscrito, e a cabeça nas nuvens, e a todos que tornaram a experiência possível, agradeço do fundo do coração por todas as lições aprendidas. Agradeço por me terem acolhido sempre da forma mais calorosa, de me abrirem a porta de suas casas e do seu coração. De me terem tocado a alma e me terem ensinado o verdadeiro valor da vida, moldando o meu comportamento. Porque neste pedacinho de mundo a vida não se cinge ao materialismo, à acumulação. Nem sequer tem que ver com ambição. É sobre dar, viver e aproveitar aquilo que nos dão. Dando graças, apreciando. Aqui, trabalhar não é um compartimento de uma vida caótica, mas parte dela. Aqui respira-se consciência, religião e aspira-se a ser-se honestamente bom.

Porque no “nosso mundo” somos constantemente bombardeados de informação e nunca temos tempo, um obrigada por me terem ensinado o valor das pequenas coisas, como ver o sol desaparecer entre as montanhas. Obrigada pela companhia nesse percurso que alterou para sempre a minha vida. Porque mais importante do que “ter” é “ser”! E como não “sou” sozinha, um muito obrigada:

À minha família, que me apoiou mental e financeiramente durante todo o processo, ambos na Índia e de volta a Portugal;

À Laura, companheira de viagem e de estudo, sem a qual esta experiência não teria sido possível, pela partilha e dedicação;

Ao Professor Doutor Rogério R. Amaro que tornou possível a ida à Índia, tendo sido a ponte entre o ISCTE-IUL e a organização de acolhimento;

À Professora Doutora Maria de Fátima Ferreira, que nos orientou na Índia em 2010 e o continuou a fazer, dois anos depois, sempre de forma tão gentil e dedicada;

À Dr.^a Rashmi Bharti, que orientou o trabalho na Índia, nos recebeu tão calorosamente, pela sua dedicação, disponibilidade e incrível sabedoria;

À Annegreet Bokeloo, pelas fotografias fantásticas, mas sobretudo pela companhia e amizade, sem a qual a experiência não teria certamente sido a mesma;

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

Ao Govind, à Kamla e ao Harish, que nos receberam calorosa e pacientemente nos Centros de Campo de Digoli (o primeiro) e Chankana;

Ao nosso paciente e incansável tradutor Muna;

E por último, a toda a família de AVANI, que agora sinto um pouco como minha também.

Resumo

Neste trabalho, dedico-me a uma discussão teórica e aplicada que tem como objectivo primordial aprofundar o estudo da Ética e da sua relação com o desenvolvimento e as acções a ele inerentes. Utilizando como estudo de caso uma organização voluntária que trabalha no sopé dos Himalaias, AVANI, que desenvolve trabalho no campo das energias renováveis, educação e saúde através de um negócio de têxteis tradicionais e naturais, como ilustração às considerações de ordem teórica, faço um apelo à articulação de conceitos e ao tratamento da realidade, dinâmica e diversa, como uma. Da perda da dimensão Ética da Economia, e subsequente crise de valores, à necessidade de reatamento da mesma pelo desenvolvimento responsável através de uma tomada de consciência.

Palavras-chave: Desenvolvimento, Ética, Economia, Ambiente, Índia

JEL: A12, O10, O22

Abstract

In this project, I take on a theoretical and applied discussion which primarily aims to deepen the study of Ethics within its relationship with development and its inherent actions. Using as a case study a voluntary organization working in the foothills of the Himalayas, AVANI, which works in the areas of renewable energy, education and health through a business of traditional and natural textiles, to illustrate theoretical consideration, I appeal to the articulation of concepts and treatment of reality, dynamic and diverse, as one. From the loss of the Ethical dimension of Economics, and subsequent value crisis, to the need for resumption of Ethics by development through a responsible approach.

Key-words: Development, Ethics, Economics, Environment, India

JEL: A12, O10, O22

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS.....	vi
Introdução.....	1
I. Da Ética à Economia.....	3
II. O Rumo do Mundo: Teoria do Desenvolvimento.....	9
III. Desenvolvimento e Respeito.....	15
IV. Recursos: Ambiente e Economia.....	21
V. Aspectos metodológicos.....	29
VI. O Caso:	
6.1 O contexto.....	33
6.2 “A Terra” ou AVANI.....	36
6.3 Apresentação de Resultados.....	41
Conclusão.....	59
FONTES.....	63
BIBLIOGRAFIA.....	65
ANEXOS	
Anexo A.....	67
Anexo B.....	69

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro VIII.1 Idade de Casamento.....	46
Figura 1- Annegreet: Floresta junto ao Campus em Tripuradevi.....	1
Figura II.1 Subdesenvolvimento do Desenvolvimento.....	13
Figura IV.1 Laura: Nignt Train to Kathgodam.....	28
Figura IV.2 Caminho de Kathgodam a Tripuradevi.....	28
Figura V.1 Aplicação dos questionários em Digoli 1.....	30
Figura V.2 Aplicação dos questionários em Digoli 2.....	30
Figura VI.1 Caminho a pé até Digoli.....	34
Figura VI.2 Vista de Digoli	34
Figura VI.3 Típica casa de família.....	35
Figura VI.4 Mulher carregando madeira usada como combustível.....	35
Figura VI.5 A fumar com outra mulher em Digoli.....	36
Figura VI.6 Annegreet acompanhada pelas raparigas do Centro de Digoli.....	36
Figura VI.7 Painéis solares no telhado, numa aldeia a 4 horas a pé da estrada mais próxima.....	38
Figura VI.8 Mapa da distribuição geográfica das actividades de AVANI	39
Figura VI.9 Lã Merino.....	40
Figura VI.10 Lexmi a tecer, em Tripuradevi.....	40
Figura VI.11 Echarpes.....	41
Figura VI.12 Tecido ainda no tear (Almora pattern).....	41
Figura VI.13 Afecção aos Centros de Campo.....	42
Figura VI.14 Escolarização	43
Figura VI.15 Comparação de Escolarização	46
Figura VI.16 Ano de Adesão a AVANI.....	47
Figura VI.17 A Qualidade de Vida Antes da Adesão a AVANI.....	48
Figura VI.18 Rendimentos	49
Figura VI.19 Poupança.....	50
Figura VI.20 Kamla.....	55
Figura VI.21 Meena.....	55

Introdução

“Cada vez que olhamos à nossa volta apercebemo-nos de que o nosso modo de viver é cada vez mais insensato. Todos correm, mas para onde? Porquê? Muitos sentem que esse corre-corre não se coaduna connosco e faz com que percamos muitos dos velhos prazeres. Mas quem é que hoje tem a coragem de dizer “Parem! Vamos mudar de rumo”? Todavia, se nos perdêssemos numa floresta ou num deserto, tudo faríamos para encontrar uma saída! Porquê, então, não fazer o mesmo com este bendito progresso que nos prolonga a vida, nos torna mais ricos, mais sãos, mais bonitos, mas que afinal também nos torna menos felizes?” (Terzani, 2009, p. 361)

O tema para este trabalho surgiu em 2010. Não se iniciou numa sala de aula, junto a um computador ou num livro científico. Muito menos nasceu de uma ideia alheia. Começou com uma viagem e um livro.

Sendo uma aluna portuguesa, tendo vivido neste ocidente acidentado toda a minha vida, respirando o ar poluído de uma sociedade individualista, viajei em 2010 para o oriente. Índia. Fiz a mala inesperadamente e rumei a este país, repleto da mística das coisas leves, onde passei um mês, no verão, acabando a licenciatura ajudando numa organização voluntária. Vivi durante um mês numa cultura plenamente diferente, onde o pensamento não se centra no indivíduo, onde o tempo tem tempo para passar, onde o momento é vivido e o futuro aguardado, com paciência. Onde a gratidão se prende com coisas simples. Um caminho nas montanhas, aquele lugar no mundo perdido ou esquecido pelo tempo ocidental. Um lugar simples como a palavra Terra, em sânscrito AVANI. E ninguém diria que uma viagem tem essa capacidade sobrenatural de nos formar o carácter, moldando-o à sua vivência, mas pode tocar-nos a alma e alterá-la para sempre. Pela sua preocupação pelo ambiente e pelas pessoas, no seu trabalho têxtil artesanal que aviva a tradição, não descuidando o ambiente que o rodeia. Porque, provavelmente o mais importante não é material.

Não vivemos de coisas, vivemos de momentos. Vivemos de pessoas e histórias, de risos e de trocas. Crescemos com coisas simples como ver o dia passar, vagaroso e paciente, enquanto pomos as mãos à obra do próximo. Do nosso irmão, da nossa família, da nossa pátria, do mundo. Porque muitos actos isolados formam um todo, porque não somos sozinhos! E essa imersão no pensamento oriental dá-nos uma nova vida, um novo olhar, uma perspectiva. Porque o que acredito aqui, imersa no meu mundo pode não ser verdade do outro lado. Não há só uma versão, só uma verdade. É como um prisma. E ao ser forçado a olhar por outro lado, compreendemos e valorizamos de forma diferente aquilo que havia sido verdade toda a vida. Questionamos e pomos em causa. E é nessa procura que evoluímos.

Faço uma viagem pela deterioração dos nossos tempos, da perda da dimensão ética da Economia, à aquisição de uma consciência ambiental e ética dos estudos de desenvolvimento, do ocidente que deixei um mês para trás, ao oriente que conheci brevemente alterando a forma como vejo, aquilo que sou. Porque tem o ocidente materialista de servir de exemplo ao oriente? Não poderíamos nós aprender também com a sua ética das coisas simples?

Qual a ética que orienta as minhas acções? Ou como poderá a ética orientar as minhas acções? Porque não escolher viver uma vida ética, “(...) em que nos identificamos com outros objectivos, mais amplos, conferindo assim um sentido às nossas vidas” (Singer, 2005)?

Dedico-me, portanto a uma discussão teórica e aplicada que tem como objectivo primordial aprofundar o estudo da Ética e da sua relação com o desenvolvimento e as acções a ele inerentes. Faço um apelo à articulação de conceitos e ao tratamento da realidade, dinâmica e diversa, como uma, tentando ilustrar com o Estudo de Caso da organização que me abriu a porta em 2010 essa eminente possibilidade. Será possível abordar o desenvolvimento de forma integrada, tendo em conta a dimensão Ética e o ambiente do qual fazemos parte? Quais os valores que sustentam esta relação?

Neste sentido, no Capítulo I abordo a relação da Ética com a Economia, debruçando-me no Capítulo II sobre as teorias do desenvolvimento, onde surge a necessidade de adopção de pensamento ético, abordado no Capítulo III e ambiental, no Capítulo IV. Apresentando em seguida os aspectos metodológicos, inicio a apresentação do estudo de caso, no capítulo VI, onde me centro na contextualização regional e apresentação do projecto, seguindo para a análise de resultados. Faço ambas uma discussão teórica e prática de forma a melhor poder compreender a relação da ética com o desenvolvimento. Não há teoria sem prática, nem prática sem aquilo que a sustenta, teoria.

Figura Erro! Não existe nenhum texto com o estilo especificado no documento.1- Annegreet: Floresta junto ao Campus em Tripuradevi



PARTE 1 – Desenvolvimento e Ética

I. Da Ética à Economia

Não obstante a sua natureza científica, aspirando à formulação e à previsão (quase como que numa bola de cristal) ou antecipação de fenómenos humanos, a Economia já foi, outrora, uma disciplina unida à filosofia. Antes do século XVIII, quando se dá o processo de constituição da Economia Política como domínio autónomo do saber, a reflexão sobre as questões económicas organiza-se num quadro de preocupações mais abrangente, de natureza ética, religiosa e política. E não é, senão com o passar do tempo, e com a pretensão de tentar sempre compartimentar o comportamento humano em aquários estanques, que estas dimensões são deixadas para trás, dando à Economia a liberdade científica necessária para fazer formulações matemáticas, generalizações fúteis ou a construção de caminhos sem saída.

Apesar de a Economia ter duas origens distintas, uma enraizada na Ética, outra na Engenharia, esta última mais dedicada a preocupações maioritariamente logísticas e a análises orientadas pela técnica (Sen, 1988), neste capítulo procuro aprofundar as relações com a sua origem primária, a Ética. Da questão socrática “Como devemos viver?” à confusão presente, à falta de pensamento e conduta éticos que se sentem nos nossos dias.

É inegável que o comportamento humano é influenciado por considerações éticas e, sendo o comportamento económico uma dimensão do comportamento humano, também a Economia é conduzida pela ética. Logo, a Economia deveria ter alguma fundamentação assente nesses mesmos princípios e lógica. Mas a história diz-nos o contrário. Fala-nos de um afastamento nefasto, um progresso no pensamento para a criação de uma disciplina “Auto conscientemente «não-ética»” (Sen, 1987-1988, p. 2)¹. O mundo esqueceu as raízes e “partiu para outra”. Ouviu o na altura revolucionário Lionel Robbins, na sua *Essay on the Nature and Significance of Economic Science* de 1935: “It does not seem logically possible to associate the two studies [economics and ethics] in any form but mere juxtaposition” (Robbins, 1935, p. 148), e concordou, eliminando as ideias do passado, rumando cegamente a um futuro operacional, que não olha a meios para obter fins.

Contudo, a Economia e a Ética estão profundamente enraizadas, uma na outra. Não só a Ética influencia a Economia, como a Economia tem também um papel essencial na construção da

¹ A tradução é minha

Ética, dos padrões de conduta de uma sociedade. O carácter do homem é indiscutivelmente moldado por aquilo que lhe acontece. Sendo que o trabalho, a obtenção de recursos materiais necessários à vida que desse modo procura, assume um papel central na vida do homem, vai também ele moldando o seu carácter e influenciando os seus valores. Ou melhor, “as acções económicas são moralmente orientadas pelo quadro de valores das pessoas que as vão executando e este vai sendo influenciado entre outros factores, por aquelas acções e pelas suas consequências” (Bento, 2009), evidenciando-se assim uma relação biunívoca e dinâmica.

A palavra Economia deriva do grego, significando as regras (nomia) da casa (eco). Originalmente, Aristóteles (384-322 a.C.) e Xenofonte (430-354 a.C.) falavam de oikonomia, referindo-se à “lei ou administração da casa agrícola” como forma de obter os recursos necessários à vida familiar. Posteriormente, os Romanos passam a utilizar o termo oeconomia, neste caso com o significado de “disposição” ou “arranjo”. Assim, podemos dizer que economia nos fala também da “harmonia das partes de um todo”².

Com a alteração do centro do homem da sua família para a sociedade, ou a “casa comum”, alteram-se também as suas preocupações, e assim começa a surgir a disciplina que hoje conhecemos como Economia. Com o intuito de separar estes centros, os filósofos europeus do século XVIII adoptam o termo Economia Política, inicialmente um ramo da Filosofia Moral. É apenas um século mais tarde que a “Política”, descrita como “arte” e dependente de valores ideológicos que condicionavam a Economia à subjectividade e à linguagem literária, se separa da “Economia Política”, dando assim espaço à ‘Economia’ para se poder afirmar como ciência, domínio do saber, isenta de valores, um saber objectivo susceptível à formulação matemática.

Contudo, é o mesmo pai da Economia Moderna, que participa na sua formulação da mesma como uma ciência à parte do seu ramo de filosofia moral, o filósofo por excelência, Adam Smith, que escreve no seu livro a *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759) que “[o]homem sábio e virtuoso está sempre disponível para sacrificar o seu próprio interesse privado ao interesse público da sua ordem ou sociedade”, e explica que o que “leva o generoso em todas as ocasiões, e o mesquinho em muitas, a sacrificar os seus próprios interesses aos interesses maiores de outros [...] não é o amor do vizinho nem o amor da humanidade. É o amor pelo que é honroso e nobre, pela grandeza e dignidade e superioridade dos nossos caracteres” (Bento, 2009). Logo, a maximização do lucro individual (e, portanto colectivo também)

² Dicionário da Língua Portuguesa, 7ª Edição, Porto Editora

deveria incluir esta dimensão humana, a dimensão honrosa e digna, moralmente orientado para o bem. Porque valor não nos fala apenas de preço, monetário e mensurável.

Apesar do inequívoco afastamento da ciência económica do pensamento ético, não é preciso prova segundo Keynes “que nem as actividades económicas, nem qualquer outra classe de actividades humanas, podem verdadeiramente tornar-se independentes das leis morais” (Bento, 2009). Já Marshall considerava que as “tentativas feitas de construir uma ciência abstracta relativa às acções de um «homem económico» que se encontra fora de quaisquer influências éticas e que persegue o ganho pecuniário e egoísta [...] não tiveram êxito”. Contudo, e apesar da inegável falta de êxito, aconteceu! Provavelmente não só devido à pressão exercida pelos economistas da altura, mas também pela alteração dos valores da sociedade, dos padrões éticos e de conduta. Aliás, “[é] possível que a convergência do conceito de utilidade para o conceito de riqueza, como variável a maximizar no bem-estar, individual e social, seja também o resultado das evoluções verificadas na moralidade social. E esta, por sua vez, seja o reflexo do sucesso material na aplicação das teorias económicas conducentes à maximização da riqueza” (Bento, 2009).

Porém, a reflexão económica anterior ao século XVIII enquadra-se num espaço de reflexão mais amplo da Moral e da Política, que por não ter uma base “científica” é frequentemente considerada irrelevante. No entanto, esta relação com a antiguidade afigura-se cada vez mais interessante, envolvendo não só a ruptura das ideias do passado, mas essencialmente a sua continuidade. E apesar de haver uma vontade de separação por parte dos economistas europeus do século XVIII entre a Ética e a Economia, esta relação parece não só ser inevitável como desejável! Inevitável por ser inegável a regência (??) do ser Humano por determinadas normas e valores morais, que influenciam as suas escolhas. Temos uma base ética, escrita ou não, debatida ou não, ela existe. E só tendo noção dessa dimensão, poderemos reflectir racionalmente acerca das escolhas, procurando justificá-las, e só assim é possível discuti-las colectivamente.

Antes da *Riqueza das Nações*, antes da produção em massa, antes do Estado Social organizado e do mundo estandardizado, o ideal era uma sociedade auto-suficiente, na Grécia Antiga. E neste domínio as questões centrais da Economia giravam em torno da boa organização da produção doméstica, de forma a evitar o desperdício e garantindo, através da produção e da troca, os recursos necessários à vida e úteis à família (Xenofonte). No entanto, esta troca era susceptível a julgamento ético. Aristóteles considerava que a arte de adquirir

bens só faz parte da economia se necessária à vida da família, mas que a acumulação de bens (riqueza) é considerada artificial, estranha à economia, errada. (Pergunto-me então em que animal nos tornámos? Que animal somos nós aos olhos de Aristóteles?!) “[É] censurável devido a não estar de acordo com a natureza e por ser praticada por uns à expensa de outros” (Aristóteles, 1998, p. 77).

A moralidade social (ou o que outros chamam “cultura”), “a escala de valores dominante numa sociedade”, está ancorada essencialmente em tábuas de valores de origem religiosa, que se caracterizam pela autoridade que os torna absolutos e portanto intangíveis, e pela predominância dos valores intangíveis (espirituais) sobre os valores matérias.

Curiosamente, a perda da dimensão Ética da Economia fez com que a sociedade perdesse o centro. Os pilares tremeram. E esse enfraquecimento pode ser rastreado ao século XV, quando a Igreja Católica se separa da Protestante, quebrando a unidade espiritual, enfraquecendo assim o poder moral e jurídico do Papa como autoridade suprema e último recurso. Sem que nenhuma alternativa surgisse com suficiente consenso social para preencher o “vazio” de referências da sociedade, o valor comum da vida social, a âncora socialmente reconhecida, passa a ser a riqueza material pela sua natureza palpável e quantificável, hierarquizável, suplantando-se à importância dos valores espirituais do passado. E “esta orientação, por sua vez, foi validando o êxito e estimulando a reprodução das teorias económicas que pressupõem escolhas baseadas no predomínio de uma tal moralidade social, assim se alimentando reciprocamente” (Bento, 2009). Esta alteração de centro da sociedade, ou de âncora, vem favorecer principalmente os decisores políticos menos dados a preocupações habitualmente designadas por éticas, passando a validação social para o resultado ao invés da atenção aos meios para os obter. O carácter humano adapta-se! O comércio intensifica-se, as actividades financeiras expandem-se e surgem novas manufacturas. A posse material deixa, de repente, de ser considerada uma barreira espiritual ao encontro de Deus.

A Nação passa, então, a ser o espaço de unidade política e económica, evidenciando-se uma deslocação da reflexão económica da Ética para a Política. A riqueza de uma Nação é, desde então, o seu objectivo primitivo, para fazer face a necessidades de Segurança Interna e prosperar, ganhar poder. Diz-nos Colbert, em 1664, “que só a abundância de dinheiro num Estado constituirá a diferença da sua grandeza e do seu poder”. Contudo, “[A]penas uma determinada quantidade de dinheiro circula em toda a Europa (...) e não é possível aumentar o dinheiro num reino sem retirar simultaneamente em quantidade idêntica, nos Estados

vizinhos”. Se assim é, como podemos ambicionar um desenvolvimento em países em vias de desenvolvimento sem perturbar o nosso dia-a-dia consumista? Estará na altura de nos apercebermos que o dinheiro, de facto, não cresce nas árvores? Não chega para tudo, nem a todo o lado. “[C]loser contact between ethics and economics can be beneficial not only to economics but even to ethics” (Sen, 1987-1988, p. 78), pois ao fim e ao cabo está tudo intrinsecamente ligado. O homem não é compartimentável, e assim não são as ciências que o estudam. Especialmente quando falamos de um rumo, do passado para o futuro, de desenvolvimento.

II. O Rumo do Mundo: Teoria do Desenvolvimento

Sendo um dos mais importantes e polémicos conceitos das Ciências Sociais, o desenvolvimento incorpora um sentido de mobilização de vontades de mudança e transformação das sociedades e indivíduos e tem servido também para avaliar e classificar o seu progresso e bem-estar. O desenvolvimento surge como uma visão e processo de mudança deliberada para obter uma vida melhor (Goulet, 1996), assumindo-se como um objectivo nacional universal.

Nos últimos sessenta anos, e em especial nos últimos trinta, o conceito conheceu várias versões, assumindo-se como um conceito interdisciplinar crescentemente complexo e cada vez menos linear.

Apesar de ser referido no século XVIII em *A Riqueza das Nações* de Adam Smith (1776), que se foca especialmente na vertente económica, visto como o progresso que advém da acumulação de riqueza (que advém do aumento da produção de bens) de um país, o conceito de desenvolvimento apenas se assume cientificamente após a Segunda Guerra Mundial.

Entre o século XVIII e a Segunda Guerra Mundial a experiência histórica dos países europeus considerados desenvolvidos, assume o carácter de guia, de exemplo base, para os novos países (e de retoma aos já desenvolvidos), no âmbito das sociedades industriais, entendendo-se esta experiência como “boas práticas”, um caminho para uma sociedade de abundância. Neste sentido, é importante sublinhar dois momentos históricos e culturais de referência que permitiram a construção das sociedades industriais nos países europeus:

- 1) Alterações ao nível das condições materiais e objectivas da vida e de produção: os eventos históricos (revoluções) que culminaram com a Revolução Industrial (Inglaterra, século XVIII), repercutindo-se ao nível das condições materiais e objectivas de vida e de produção, que surge ligada à industrialização, ao progresso tecnológico, à divisão e especialização do trabalho e à produtividade como o caminho para o progresso, o desenvolvimento, figurando a cidade (em vez do meio rural) como o “meio físico do progresso”;
- 2) Alterações radicais de valores e nas condições subjectivas de vida: as revoluções históricas que constituíram na prática a Revolução Francesa (França, século XVIII), representando as ideias e princípios que vinham germinando na sociedade. O lema adoptado pelos revolucionários “Liberté, Égalité et Fraternité”, exprime, de algum

modo, os ideais inerentes ao Antropocentrismo e ao Racionalismo, definindo a principal fractura que vai atravessar as sociedades industriais no século XX: O Capitalismo (Americano) assente na liberdade individual e no indivíduo, por outro lado, o Socialismo (Russo- URSS) na igualdade e no colectivo (Amaro, 2004) .

É após a Segunda Guerra Mundial, com a independência da maior parte das colónias europeias (sendo a Índia pioneira, declarando-se independente em 1947) e reconstrução dos países europeus com o Plano Marshall, e até à actualidade que assistimos a uma construção científica deste conceito. O Plano Marshall para a reconstrução europeia fez parecer o crescimento, e portanto desenvolvimento, rápido, um objectivo plausível no Terceiro Mundo, através da infusão de recursos financeiros e tecnológicos, transferência de modelos e ideias. Contudo, apesar do empenho político das ex-colónias europeias (principalmente em África e na Ásia) à melhoria das condições de vida das suas populações, evidencia-se a falta de capital, *technical skills* e instituições para o cumprimento de tais objectivos (Goulet, 1996).

É neste contexto que novas correntes democráticas e interesses políticos mundiais (tanto dos EUA como da antiga USSR) propiciam o surgimento do conceito de desenvolvimento através da proposta de matrizes de referência e caminhos estratégicos para estas colónias bem como para a reconstrução europeia.

Logo nos primeiros trinta anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, o conceito de desenvolvimento assentava nos seguintes eixos/mitos:

- O Economicismo;
- O Produtivismo;
- O Consumismo;
- O Quantitativismo;
- O Industrialismo;
- O Tecnologismo;
- O Racionalismo;
- O Urbanicismo;
- O Antropocentrismo;
- O Etnocentrismo e
- O Uniformismo.

Estes onze mitos marcam fortemente o conceito, traduzindo-se em ‘receitas seguras’ (Roque Amaro, 2004: 8) para os processos de desenvolvimento. Com exceção do consumismo, podemos encontrar todos os presentes mitos, com aparências e modalidades diferenciadas, quer nas sociedades capitalistas, quer nas socialistas.

Assente numa ideia economicista, fortemente conectada ao crescimento económico, é durante o período entre meados da década de 40 e princípios da década de 70 do séc. XX, os chamados “Trinta Gloriosos”, ou a “Golden Age” do crescimento económico, que se registam progressos a nível da produção e consumo, melhoria das taxas de alfabetização, das condições de saúde, avanços no conhecimento científico e inovação tecnológica a para de um aumento das desigualdades sociais, tanto dentro de um país como entre os vários países. É portanto, devido a esta ideia de melhoria de condições de vida no Norte e Ocidente, que os países de Sul e Oriente, passam a olhar os primeiros como referência, tomando a industrialização e a cidade como modernidade e progresso desejáveis.

Contudo, a experiência revela que o sucesso depende de uma forma mais crítica no esforço da própria sociedade para mudar o seu rumo, as suas políticas, a sua estrutura social, instituições e valores (Goulet, 1996), sobrepondo-se a vontade da sociedade aos interesses e pressões externas. O conceito de “desenvolvimento” espelha diversas condições: política, económica e social.

No início do século, “desenvolvimento” é apenas uma esperança para os países terceiro-mundistas de obter fontes seguras de água potável e alimento, abrigo e serviços de saúde rudimentares. No entanto, esta visão material do desenvolvimento não é partilhada por todos os autores. Para Paulo Freire (Brasileiro), o “desenvolvimento” é a “ability of powerless masses to begin shape their own destiny as subjects, not merely objects, of history”, enquanto para mentes mais práticas a mesma temática estava apenas relacionada com a “maneira moderna de fazer as coisas”³ (Goulet, 1996). E porque essa modernidade significa aplicar tecnologia de forma a aumentar a produção, a industrialização tornara-se, mais que cúmplice, sinónimo de “desenvolvimento”. Recorrendo mais uma vez à história, tendo o ocidente sido o primeiro no caminho da industrialização, e afigurando-se esta a “one best way”, tratamos o desenvolvimento como a ocidentalização de atitudes e valores. Neste sentido, Paul Streeten sugere que talvez não seja bem assim, optimista, como o mundo o grita, que “[é] o

³ A tradução é minha

desenvolvimento em si que interfere com o desenvolvimento humano”⁴, com o progresso real da humanidade.

É importante frisar dois economistas que contribuem para a formulação de uma teoria de desenvolvimento, nos anos 50/60, dando ênfase à importância do crescimento económico e à industrialização, espelhando os mitos de desenvolvimento referidos acima. Arthur Lewis com o seu livro, o primeiro mais abrangente sobre a temática do desenvolvimento, intitulado *The Theory of Economic Growth*, e Walt Whitman Rostow com a *Teoria das Etapas do Crescimento Económico*. Para Rostow, o “desenvolvimento” é um conceito mais alargado que apenas crescimento económico, apesar de estarem ambos interligados. Dessa forma, basta analisar o crescimento económico para aferir o nível de desenvolvimento. Rostow faz então uma leitura histórica do desenvolvimento em países ditos desenvolvidos, para servir de “guia” para os países em desenvolvimento. Nesta observação nota que todos os países desenvolvidos passaram por 5 etapas:

- 1) Economia de Subsistência: actividades agrícolas (não existe transformação)
- 2) Preparação para o Arranque Industrial: transformação artesanal
- 3) Take-off: arranque da industrialização
- 4) Desenvolvimento da Indústria: velocidade de cruzeiro
- 5) Consumo de Massa: terciarização

Arthur Lewis é um dos teóricos que contribuiu para o surgimento do conceito de “modernização”, que se afigura como sinónimo de “desenvolvimento”. Esta ideia de “modernização” fala então, na substituição de estruturas tradicionais por novas formas estruturais. Ou seja, o “desenvolvimento” acontece quando a sociedade rompe com padrões tradicionais e adopta novos padrões, estruturas, nomeadamente aquelas observadas nos países desenvolvidos. Para tal, o crescimento económico assume o papel de alavanca da “modernização”, adoptando processos de industrialização, como os países desenvolvidos (modernos), rompendo com a tradição e rumando à modernidade, “desenvolvendo-se”. (Amaro, 2004)

Semelhantemente na abordagem de Rostow e Lewis, notamos uma visão centrada nos países de Norte e Oeste, uma visão industrialista e economicista do desenvolvimento, espelhando os eixos não só em que se centra o conceito, mas a sociedade. Espelhando os valores de uma

⁴ A tradução é minha

sociedade importada com os lucros, com os fins sem olhar aos meios. Tratando a sociedade quase como uma máquina. Automática. Assumindo as palavras de François Perroux, a economia do século XX valorizava o dinheiro (économie de l'argent) e afastava-se do homem, da parte humana da economia (économie de l'homme).

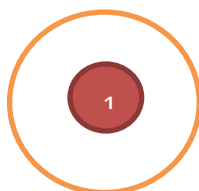
Aidan Foster-Carter identifica algumas assunções básicas acerca das teorias ortodoxas de desenvolvimento, em 1974 (Crocker, 1991):

- 1) O “desenvolvimento” não envolve interesses irreconciliáveis: não há perdedores a longo prazo;
- 2) Não há uma ligação estrutural entre desenvolvimento e subdesenvolvimento;
- 3) O que é “moderno” é bom, ao contrário do que é tradicional;
- 4) “Desenvolvimento significa tornar-se moderno como o Oeste” (Crocker, 1991, p. 464)⁵.

No entanto, parece existir então uma ignorância relativamente a estes pré-conceitos. “Like fish oblivious to water in which they swim, mainline theorists tend to be unaware of these basic beliefs, specially the normative ones”(Crocker, 1991, p. 464). É através da teoria da dependência que as supra-citadas suposições são negadas. Utilizando o mesmo modelo de Aidan Foster-Carter, F. H. Cardoso, Enzo Faletto e Andre Gunder Frank vêm propor:

- 1) Há interesses irreconciliáveis no que respeita o desenvolvimento (há ganhadores e perdedores);
- 2) Há uma relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos: os países desenvolvidos (países de centro - 1) desenvolveram-se devido ao subdesenvolvimento de outros países (países de periferia - 2)

Figura II.1 Subdesenvolvimento do Desenvolvimento



- 3) “Moderno” não é necessariamente bom, tradição não é necessariamente mau;
- 4) “Desenvolvimento” (real) não significa uma “modernização” ocidental.

⁵ A tradução é minha

Hoje em dia existe uma pluralidade de definições, de perspectivas gerais e uma variedade imensa de versões subjacentes a cada paradigma. Esta pluralidade de paradigmas que existem lado a lado, partilhando o mesmo espaço, diverge nos objectivos de desenvolvimento desejados. Provavelmente Peter J. Henriot terá razão ao lembrar que devemos falar em “definir os problemas de desenvolvimento (...) especificando os valores que guiam o desenvolvimento”⁶ (Crocker, 1991, p. 464).

⁶ A tradução é minha

III. Desenvolvimento e Respeito

Depois da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento era considerado um problema unicamente económico, procurando a disciplina, como saber científico, identificar e quantificar a composição do crescimento económico. Contudo, mais tarde passa a ser reconhecido que inúmeros aspectos sociais, políticos, culturais, institucionais e até psicológicos têm impacto no desenvolvimento bem-sucedido de uma nação (Goulet, 1996). Aliás, Denis Goulet afirma que o desenvolvimento é, acima de tudo, “uma questão de valores, atitudes e preferências humanas, objectivos autodefinidos, e critérios para determinar o que são custos toleráveis de suportar neste percurso de mudança”⁷.

Para Amartya Sen, a economia do desenvolvimento tradicional falha na identificação dos factores que causam o crescimento de países em desenvolvimento. Aliás, acusa a disciplina de identificar falsamente o crescimento económico como finalidade do desenvolvimento económico (Goulet, 1996). Para Sen e Martha Nussbaum, o conceito de desenvolvimento diz respeito a valores, e sem uma ideia dos fins, que são eles próprios exógenos ao processo de desenvolvimento e em termos dos quais o processo deve ser avaliado, não podemos falar nas alterações que contamos como desenvolvimento. Ou seja, aqui podemos notar duas principais críticas, uma de cariz filosófico e valorativo, outra instrumental, prática.

Sen pega no trabalho de Marx, que fala de desenvolvimento como a substituição da dominância das circunstâncias sobre os indivíduos pela dominância dos indivíduos sobre as circunstâncias, para afirmar que em última análise “o desenvolvimento tem que ver com o que as pessoas podem ou não fazer”⁸ (Crocker, 1991, p. 465), com a capacitação das pessoas, para poderem tomar a rédea do seu próprio destino. No entanto, questiono-me se não será mesmo uma questão de dominância das circunstâncias, ou sabedoria para as com elas saber lidar em harmonia (de todas as partes de um todo). O seu trabalho situa-se então em torno da abordagem do desenvolvimento em termos de capacitação humana, desenvolvimento humano, baseado em critérios éticos para ultrapassar as falhas de desenvolvimento, dando atenção à metodologia e meta-ética.

A ética sempre foi um assunto controverso para a economia, mais ainda para o desenvolvimento (Marangos & Astroulakis, 2009). No século XVI, Maquiavel na Ciência Política e, dois séculos mais tarde, Adam Smith na Economia, retiraram à ética o seu papel de

⁷ A tradução é minha

⁸ Idem

norma na sociedade (Goulet, 1996). A filosofia deixa de ter um papel preponderante no caminho seguido pela sociedade, passando essa importância para as ciências exactas. Evoluímos como sociedade, de uma forma instrumental, matemática. Preocupada com a acumulação e valores, monetários, quantificáveis. E talvez por essa razão impera hoje a vontade do Mundo de voltar a ser humano, de se desenvolver de forma mais humana, de uma forma eticamente pensada. Nas palavras de Lebret, desenvolvimento é o estudo para obter uma economia mais humana.

É neste sentido que surge a necessidade de pensar no desenvolvimento de forma diferente. Não como processo, mecânico e científico, mas como um processo que envolve pessoas, a sua identidade individual e uma identidade colectiva. Um espaço material, físico e outro filosófico e teológico. Pensar neste processo de mudança, supostamente positiva, eticamente. Logo:

“Development Ethics borrows freely from work of economists, political scientists, planners, agronomists, and specialists from other disciplines. Ethics places each discipline’s concept of development in a broad evaluative framework wherein development ultimately means the quality of life and the progress of societies towards values expressed in various cultures. How development is pursued is no less important than what benefits are gained.” (Goulet, 1996)

Portanto, a ética do desenvolvimento ocupa-se das questões normativas do desenvolvimento, da reflexão feita acerca dos meios, bem como os fins do(s) processo(s) de desenvolvimento, nos países subdesenvolvidos e globalmente. Questões filosóficas de valor ético formuladas sobre este assunto podem ser: como se deveria o Terceiro Mundo desenvolver? Que fins deveriam os países pobres perseguir? Quais deviam ser os seus objectivos fundamentais (culturais, políticos e sociais)? Como devemos balancear os benefícios e custos de desenvolvimento? O que é a “*good life*” (ou uma boa vida)? A Ética do Desenvolvimento questiona criticamente a natureza e os fins do desenvolvimento, uma melhor vida humana que providencie um vasto leque de escolhas para as pessoas poderem ser e dar o seu melhor, individual e colectivamente, recorrendo ao parecer de várias disciplinas e saberes de uma forma integrada.

No caminho para a formulação e validação da necessidade de um conceito de desenvolvimento que revelasse preocupações éticas, e segundo Goulet (1996), importa destacar três precursores da Ética do Desenvolvimento, pessoas que estudaram o Desenvolvimento em termos de valores: Mahatma Gandhi, L. J. Lebret e Gunar Myrdal.

Gandhi traz uma visão do desenvolvimento centrada em valores, alertando para assuntos que apenas seriam discutidos décadas mais tarde. Mahatma Gandhi denuncia a “empobrecedora modernização” que assoberbava o seu país e o mundo, chamando a atenção para a paz, a humanidade e o ambiente, defendendo estratégias de investimento que maximizassem o emprego, alimentassem uma ordem económica participativa, exigindo que a administração central criasse condições para a descentralização da economia.

Em 1941, antes sequer de Desenvolvimento ser aceite como conceito científico, L. J. Lebret funda o movimento Economia e Humanismo, criado para estudar os problemas económicos como parte integrante dos problemas humanos. Aos seus olhos, o subdesenvolvimento é um sintoma de uma crise mundial de valores, vendo portanto o como objectivo do desenvolvimento a criação de uma noção civilizacional de solidariedade (“num mundo de desequilíbrio e iniquidade crónicas”⁹), pois diz que “[t]he problem of the distributions of goods” Lebret wrote in 1959 is secondary compared to the problems of preparing men to receive them” (Goulet, 1996)

Lebret distingue-se não só pelo seu pensamento, mas principalmente pelo trabalho no campo das necessidades de uma sociedade, argumentando a necessidade de as hierarquizar.

“These needs must harmonize with the society’s spiritual and cultural values, with the exigencies of solidarity with others, with the demands of wise resource use, with the aspiration of individuals and groups to be treated by others as being of worth independent of their utility to those others.” (Goulet, 1996)

Na sequência, Lebret distingue três categorias de necessidades:

- 1) Necessidades de subsistência essencial: água potável, alimentação, abrigo, um acesso a um serviço de saúde básico
- 2) Necessidades relacionadas com conforto e amenidades que tornam a vida mais fácil: transporte, lazer, mecanismos de poupança, ambiente agradável
- 3) Necessidades relacionadas com a realização (*fulfillment*) humana ou transcendência, cuja satisfação confere valor aumentado à vida humana. Podem ser também chamados “*enhancement goods*”, bens que elevam qualitativamente, encontrando a sua expressão em objectivos culturais/espirituais: melhoramento cultural, uma vida espiritual profunda, amizades enriquecedoras, amor, uma vida social recompensadora

Estas necessidades traduzem-se nas seguintes implicações políticas:

⁹ A tradução é minha.

- 1) Os esforços básicos de desenvolvimento têm de ter como prioridade a satisfação das necessidades inclusas na primeira categoria;
- 2) Apesar das necessidades da primeira categoria serem os pilares que sustentam a capacidade humana para crescer, adquirindo meios para se exprimir criativamente, esse não deve ser o objectivo último, sendo que esse deverá assentar no *fulfillment* humano.
- 3) As categorias de necessidades devem sempre ser tratadas como subordinadas umas às outras. (Goulet, 1996)

Lebret introduz, então, uma visão valorativa ao estudo do desenvolvimento, pensando critica e eticamente nos seus objectivos. Torneando o conceito ao homem e ao que é humano. Para ele, as sociedades são mais desenvolvidas quando as pessoas são capacitadas para ser mais, não para ter mais!

Por fim, Gunnar Myrdal vem questionar a índole da ciência, tratando o desenvolvimento como um processo carregado de valores. Apesar das ciências sociais procurarem a verdade objectiva, questiona como podemos não tomar em consideração aspectos como o património, aspectos ambientais, culturais, sociais, e a personalidade nessa busca?! Pois o que faz sentido num local, com inerentes aspectos sociais, culturais, ambientais, não significa que o faça, noutra local diferente. Para ilustrar este aspecto, Myrdal utiliza a forma como averiguamos, medimos, o desenvolvimento, dizendo que apesar de fazer sentido tirarmos elações de informação estritamente económica no Ocidente, a mesma análise em países subdesenvolvidos pode não querer dizer rigorosamente nada! (Goulet, 1996)

É só em 1971, Denis Goulet, pioneiro nesta nova disciplina, defende a necessidade de trazer o Desenvolvimento para uma arena de debate moral. Goulet procura, com o seu trabalho, respostas para as questões éticas de valores que surgem da teoria, prática e planeamento do desenvolvimento, pois sugere que “desenvolvimento bem-intencionado pode ter custos terríveis!”¹⁰ (Crocker, 1991, p. 458). Desta forma, em 1975 propõe-se a explicar os elementos de uma “*boa-vida*” (*good life*) sobre a qual o desenvolvimento deve assentar (Marangos & Astroulakis, 2009, p. 382):

- 1) Sustentação da vida: as pessoas devem ter ao seu dispor bens de subsistência, de forma a alimentar a sua vida;

¹⁰ A tradução é minha.

- 2) Estima: todas as pessoas devem ser respeitadas, tratadas com honra, dignidade e reconhecimento enquanto seres Humanos (estes valores não vêm necessariamente de bens!);
- 3) Liberdade: as pessoas devem ser livres de qualquer servitude, de forma a poderem tomar o seu destino nas suas próprias mãos.

Estes três eixos são, para Goulet, atingidos através dos seguintes princípios:

- 1) Abundância de bens : as pessoas têm bens suficientes para ter uma boa vida;
- 2) Solidariedade Universal: “[a]ll philosophies and systems of thought postulate, at least implicitly, a common destiny for humans: the fate of one is the fate of all” Goulet, 1995 (Marangos & Astroulakis, 2009, p. 384);
- 3) Participação: a participação das populações na tomada de decisão mobiliza as pessoas e dá-lhes controlo sobre o seu destino social.

Para Goulet, todas estas questões estarão subordinadas ao desenvolvimento, sendo que o desenvolvimento lhes atribui um valor meramente instrumental, assente em bens e na moeda. Segundo o psicólogo Erich Fromm, as pessoas escolhem sempre entre ser mais, ou ter mais (*plus être/ plus avoir*) (Goulet, 1996), no entanto, Denis Goulet alerta essencialmente para os valores intangíveis da condição humana, não obstante do valor material inerente à acção.

Em 1974, acontece então a primeira conferência sobre o tema “Filosofia e Política”, no âmbito da Terceira Conferência Nacional de Filosofia, na Costa Rica (onde Roberto Murillo apresenta um paper em que discute a necessidade de emergência de um “conceito desenvolvido de desenvolvimento”). Contudo, é apenas 10 anos mais tarde que surge o primeiro *Development Ethics Work Group*, quando D. Crocker e Y. Mihailo Malcovic se juntam para organizar um seminário sobre “Ética e Desenvolvimento do Terceiro Mundo” na VIII Conferência Mundial de *Future Studies*. Três anos mais tarde, em 1987, o *Development Ethics Work Group* altera o seu nome para IDEA- *International Development Ethics Association*, e patrocina a primeira Conferência Internacional sobre Ética do Desenvolvimento na Universidade da Costa Rica. Foi, no entanto, apenas em 1989, em Mérida, no México, juntando mais de 100 participantes que publicaram a “Declaração de Mérida”, definindo a missão da IDEA: “[T]o transform the search for and study of an alternative for social transformation”, isto “[I]n the face of the profound inadequacies of modernization development strategies” (Goulet, 1996). Apesar de apresentar três correntes filosóficas diferentes, existe um consenso no que respeita ao objectivo da ética de diagnosticar

problemas vitais nas sociedades humanas, guiar a escolha de políticas públicas e clarificar dilemas de valor implicados nestes problemas e políticas.

Em termos práticos, nota-se a existência de duas vias diferentes:

- A) Articulação do Desenvolvimento com estratégias éticas formais: definindo, ilustrando e justificando a Ética do Desenvolvimento;
- B) Crítica filosófica interna à teoria convencional da Ética: de natureza teórico-prática-relaciona-se com estudos do desenvolvimento, ordem mundial e outros temas transdisciplinares que se traduzem numa série de preocupações que estão interligadas. Logo, preocupa-se com a análise de políticas, direitos, necessidades e intervenção éticas.

Em suma, a missão da Ética do Desenvolvimento é então:

- Diagnosticar conflitos de valores;
- Analisar políticas (actuais e possíveis);
- Justificar/refutar os valores atribuídos ao Desenvolvimento e à performance de estratégias de desenvolvimento.

“More fundamentally, however, the primary mission of development ethics is to keep hope alive” (Goulet, 1996). Esperança da não alienação dos povos, económica, social, política e tecnológica. Porque o desenvolvimento diz respeito à maturação de organismos vivos, não significando necessariamente o seu crescimento em tamanho ou volume (Segal) (Crocker, 1991, p. 466). Esperança de um futuro, humano, natural, ambiental.

IV. Recursos: Ambiente e Economia

O Planeta Terra existe há 4,5 bilhões de anos. Já passou por inúmeras catástrofes, sobreviveu ao impacto de meteoritos, foi submetida a inúmeras transformações avassaladoras, movimento de placas tectônicas, actividade de vulcões, já abrigou mais espécies do que números que alguma vez conseguiria contar. É o testemunho real do “efeito de Fénix”, renasce constantemente das cinzas, é um sistema que se auto-corrige e se adapta. A nossa espécie, no entanto, não passa de um segundo, um ponto microscópico na sua colossal história, com apenas cerca de 200 mil anos, sendo que só há cerca de 200 anos começamos a ser uma sociedade (em parte) industrializada. E como refere o humorista norte-americano George Carlin no sketch “Saving the Planet” “200 vs 4,5 bilhões e temos a ideia de que constituímos uma ameaça? Que de alguma forma poremos em perigo eminente este pontinho azul e verde que gira em torno do sol? O planeta já passou por muito pior do que nós (...) e nós pensamos que alguns sacos de plástico e latas de alumínio farão alguma diferença? O Planeta não vai a lado nenhum, NÓS vamos!”¹¹ E no fundo, é verdade, porque ao perturbarmos o seu equilíbrio a Terra retalia, sacode-nos das suas costas como se de pulgas nos tratássemos, aliás, como podemos testemunhar. Portanto, cabe-nos acima de tudo pelo Nosso Futuro (Comum) atrasar este processo, porque a Terra ‘renascerá das cinzas’. Nós talvez não. Cabe-nos respeitar, cuidar e preservar o seu equilíbrio de forma a podermos prolongar esta nossa estadia. Assim, é da nossa inteira responsabilidade como espécie Humana, espécie dominante neste mundo que não é só nosso, cuidar do nosso abrigo, finalmente entender que as nossas acções têm todas um impacto, que o que fazemos tem necessariamente uma consequência no ambiente e conseqüentemente (como um bumerangue), na nossa vida. É da nossa responsabilidade conter os nossos objectivos económicos e harmonizar o desenvolvimento com o meio em que vivemos em todas as dimensões nele intrínsecas. Daí a importância da sustentabilidade, da tentativa de garantir que gerações futuras terão pelo menos a oportunidade de ser (e não de ter) como eu sou hoje, de viver neste nosso habitat naturalmente manufacturado.

Uma considerável percentagem da população mundial vive ainda numa situação de pobreza tal que as suas necessidades materiais não estão satisfeitas, especialmente considerando os países em vias de desenvolvimento. Em contrapartida, nos países industrializados, apesar de

¹¹ A tradução é minha

haver potencial para referida satisfação material, recursos, riqueza, a sua distribuição é feita de tal forma que a situação de pobreza persiste, tanto numa perspectiva material como social. E durante bastante tempo a noção de que a erradicação da pobreza passaria necessariamente por programas de desenvolvimento, que nada tinham a ver com o meio ambiental, mas com mecanismos para identificar e potenciar o crescimento económico de forma a elevar o nível de vida, persistiu.

O desenvolvimento económico e as preocupações ambientais caminharam até recentemente por caminhos paralelos, nunca se cruzando, mantendo um distanciamento de quase polaridade. Francis Bacon afirmou que “O Mundo foi feito para o Homem, e não o Homem para o Mundo”, sugerindo uma visão antropocêntrica, como se o Mundo nos pertencesse e com ele pudéssemos fazer aquilo que bem nos apetecesse, devorar os seus recursos sem qualquer misericórdia, respeito ou consciência ambiental, e apesar de terem passado cerca de 400 anos, ainda muitos se regem por esta noção. Até há poucas décadas, para alguns comentadores, a preocupação pelo meio ambiente era considerada “[A] rather selfish form of self-indulgence on the part of the better-off” (Perman, 2002: 48).

Apesar de a partir, especialmente, dos anos 70 se ter vindo a reforçar a interdependência entre desenvolvimento, crescimento económico e o meio ambiente, o ponto inicial desta preocupação, ou consciencialização, é pouco claro, já que uma das primeiras organizações voluntárias na área do ambiente (que mais tarde vêm dar origem aos movimentos e a conceitos mais amplos de ambiente e desenvolvimento sustentável), a inglesa ‘Commons, Open Spaces and Footpaths Preservation Society’ estabeleceu-se em 1888, e antes da abertura da sua actividade já se podiam contar com algumas obras sobre o assunto, nomeadamente *Man and Nature; or Physical Geography as Modified by Human Action* de George Perkins e Marsh Vermont, de 1864, ano em que surge também a primeira reserva natural nos EUA. Podemos notar, no entanto, que estas manifestações se enquadram numa perspectiva “conservadorista” de preservação do ambiente.

Cem anos mais tarde, o tema de poluição, da influência humana sobre a natureza, e mais especificamente da noção que a acção de destruição humana sobre o meio ambiente recai também no próprio Homem é introduzida por Rachel Carson, com o seu livro *Silent Spring* (1962). É no entanto apenas a partir de dos anos setenta que essas preocupações se materializam, surgindo em conferências e cimeiras, resultando em relatórios de novos conceitos, preocupações e metas para uma sociedade ambientalmente adormecida. De seguida

apresentarei momentos marcantes de desenvolvimento da consciência e do movimento ambiental no ocidente.

Conferência de Estocolmo – Ambiente Humano

Durante os anos 70 nota-se uma mudança de perspectiva ambiental: o reconhecimento da importância da dimensão ambiental para o crescimento económico, dando origem ao posicionamento da preocupação com a sustentabilidade nas agendas políticas internacionais, mais visivelmente com a organização de uma série de debates e conferências internacionais sobre o tema, tendo as mesmas como subtema a inter-relação entre a pobreza, o desenvolvimento económico e o estado do ambiente natural. Na sequência da conferência de 1972 em Estocolmo, surge no meio científico o conceito de Ecodesenvolvimento, que apesar de não surgir na conferência, se apresenta como ponto inicial de discussão e é a primeira tentativa de associação da questão de desenvolvimento com o ambiente. Também em 1972 é publicado o relatório “*Limits to Growth*” (Meadows, 1972), pelo Clube de Roma, tecendo uma série de previsões justamente acerca dos limites ao desenvolvimento, e apesar de não ser completamente acurado, chamou atenção à natureza penetrante e sistémica do problema ambiental.

Relatório de Bruntland – “*Our Common Future*” (1983)

Na sequência da formação em 1983 da *World Commission on Environment and Development* (WCED) encabeçada pelo antigo Ministro do Ambiente e Primeiro Ministro Norueguês Gro Harlem Bruntland, que tem como objectivos:

- “1) Re-examinar as questões do ambiente e desenvolvimento e formular propostas realísticas para lidar com as mesmas;
- 2) Propor novas formas de cooperação internacional sobre estes assuntos que influenciem a formulação política e movimentos na direcção da mudança;
- 3) Propiciar níveis de compreensão e compromisso na acção de indivíduos, organizações voluntárias, empresas, institutos e governos.” (Perman, 2003), É publicado pela mesma Comissão em 1987 um dos mais relevantes relatórios acerca destes assuntos. Intitulado “*Our Common Future*”, e correntemente referido como Relatório de Bruntland, contém muita informação acerca do problema da sustentabilidade, estabelecendo uma inter-dependência entre ambiente e economia. Citando da página 37 do documento: “Environment and

development are not separate challenges: they are inexorably linked. Development cannot subsist in a deteriorating environmental base; the environment cannot be protected when growth leaves out account the costs of environment protection.”

Neste relatório são identificadas potenciais “barreiras” ao futuro crescimento económico, discutindo que as tendências do comportamento económico não são viáveis a longo prazo. Na página 22 podemos encontrar as seguintes palavras: “The next few decades are crucial. The time has come to break out of past patterns. Attempts to maintain social and ecological stability through old approaches to development and environmental protection will increase stability.”

É então sugerido que estes objectivos sejam atingidos através de um modelo de “desenvolvimento sustentável”, ou seja, desenvolvimento que “procure satisfazer as necessidades e aspirações do presente sem comprometer a capacidade de satisfazer aquelas do futuro” (Bruntland, 1987, p. 43). E tal não implica a paragem do crescimento económico, nem sequer o rotula como indesejável, reconhecendo que é necessário crescimento, apenas de uma diferente, especialmente se falamos de acabar com problemas de pobreza e subdesenvolvimento nos países em vias de desenvolvimento. É discutida a necessidade de reduzir o conteúdo material da actividade económica, economizando uso de recursos enquanto se valoriza os outputs, substituindo serviços de capital reprodutível para serviços de ‘capital natural’.

No entanto o *Relatório de Bruntland* não é claro no que respeita à forma de atingir as necessidades de desenvolvimento proposto pelo mesmo, não faz propostas políticas que facilitem a expressa necessidade de “romper com o passado”. Estabelece apenas uma recomendação que se prende com a necessidade da Assembleia Geral das Nações Unidas fazer uma conferência internacional para rever o progresso atingido e promover o acompanhamento necessário para estabelecer objectivos específicos e manter o progresso humano em sintonia com as necessidades humanas bem como com as leis naturais (Bruntland, 1987, p. 375).

Cimeira da Terra - Rio de Janeiro (1992)

Nesta sequência é organizada a primeira Conferência da Terra, em Junho de 1992 que reuniu líderes de mais de 178 países (entre Ministros, Primeiros Ministros e Reis) no Rio de Janeiro. Em paralelo, aconteciam também no Rio de Janeiro uma série de conferências e debates

acerca do mesmo tema, reunindo organizações não-governamentais oriundas de todas as partes do mundo.

É nesta conferência que o conceito introduzido pelo Relatório de Bruntland, “Desenvolvimento Sustentável” é validado, não como um fim, mas como um meio indispensável para atingir a sustentabilidade económica, social e ambiental no século XXI. A forma de atingir este objectivo é traduz-se nas seguintes palavras do economista Herman Daly: (R. Haen; R.R. Wilk , 2006, p. 107). Contudo, a Cimeira da Terra vem também acrescentar a importância da cooperação entre nações, fomentando uma base de relacionamento diferente entre países “ricos e pobres”.

É importante frisar a importância dos compromissos feitos no Rio de Janeiro, que formulam o futuro humano, materializados na Declaração de Princípios (Declaration of Principals), que tem como base (e reforça) a Declaração da Conferência de Estocolmo (1972). Para atingir as metas propostas, é construído um “*Plano de Acção*” (Programme of Action) com medidas específicas necessárias para efectuar a dita transição para a sustentabilidade, conhecido mundialmente como *Agenda 21*. Contudo, apesar de ter sido negociada por uma alargada parte dos líderes mundiais, este programa não assegura a implementação das medidas nele incluídas. Tomando a *Convenção sobre as Alterações Climáticas, a Biodiversidade e a Desertificação* decorrente da Cimeira da Terra como exemplo, apesar desta ter ganho relevância legal a nível internacional, as negociações necessárias para a sua potencial intervenção (construção de protocolos) não foram fáceis devido a diferenças de percepção e interesses de país industrializados e países em vias de desenvolvimento.

Em síntese, apesar desta Cimeira sugerir que a necessidade de resposta a problemas económicos e ambientais através de uma abordagem interligada entre ambas as dimensões ser uma visão globalmente aceite, a formulação de respostas políticas neste campo são reconhecidamente limitadas.

Só em 1997 é que, em Kyoto (Japão), na *Convenção das Alterações Climáticas*, apesar de ser agora evidente a impossibilidade de as atingir, foram propostas metas temporais específicas relativamente à redução de emissão de gases que provocam o efeito de estufa. Esta impossibilidade deriva de uma série de interesses e do baixo incentivo para alterar o, então actual, comportamento dos países industrializados. Há, contudo, alguns exemplos de sucesso no que respeita à adopção de medidas específicas, nomeadamente empresas industriais que

tomam a iniciativa de formular os seus próprios planos de acção com base nas medidas estabelecidas na Agenda 21!

Segunda Cimeira da Terra – Joanesburgo (2002)

Dez anos depois da Primeira Conferência da Terra no Rio de Janeiro, acontece a *Segunda Cimeira da Terra* em Joanesburgo, África do Sul. Estabelecidas as prioridades e objectivos no Rio de Janeiro, a Cimeira de Joanesburgo tinha como objectivo a criação de medidas específicas e objectivos quantificáveis para uma melhor implementação da Agenda 21.

Esta Cimeira teve uma especial relevância no que respeita ao conceito de Desenvolvimento Sustentável, já que deixa a sua marca no título da Cimeira: *World Summit on Sustainable Development!* No entanto, e apesar das altas expectativas em torno desta conferência, os resultados da mesma, bem como o espírito que a regeu, não foram os esperados, visto que o Mundo tinha recentemente passado por um abalo de segurança, deixando a ordem de trabalhos algo prejudicada a nível geopolítico.

Nesta Cimeira são reforçados os compromissos feitos no Rio de Janeiro bem como aqueles deixados em Estocolmo. A cooperação internacional, a redução da pobreza, dando especial enfoque às nações em vias de desenvolvimento, o *empowerment* das mulheres e a manutenção da biodiversidade são considerados pontos chave nesta construção de “um futuro sustentável”. Neste sentido, o Plano de Implementação obtido deixa alguns objectivos específicos que incluem:

- O estabelecimento de um fundo solidário para erradicar a pobreza sustentado por contribuições voluntárias (apesar de ter ficado estabelecido o donativo por parte dos países desenvolvidos de 0,7% do seu PIB);
- Diminuir em 50% a população mundial que vive com menos de 1\$ por dia até 2015;
- Aumentar substancialmente a percentagem de energias renováveis utilizadas globalmente;
- Cortar significativamente até 2010 a taxa a que as plantas e os animais se estão a extinguir;
- Diminuir em 50% a percentagem de pessoas no mundo que sofrem de fome.

As medidas estabelecidas por esta Cimeira são consideradas demasiado vagas e menos ambiciosas que as Cimeiras anteriores. É também considerado que às suas resoluções faltam

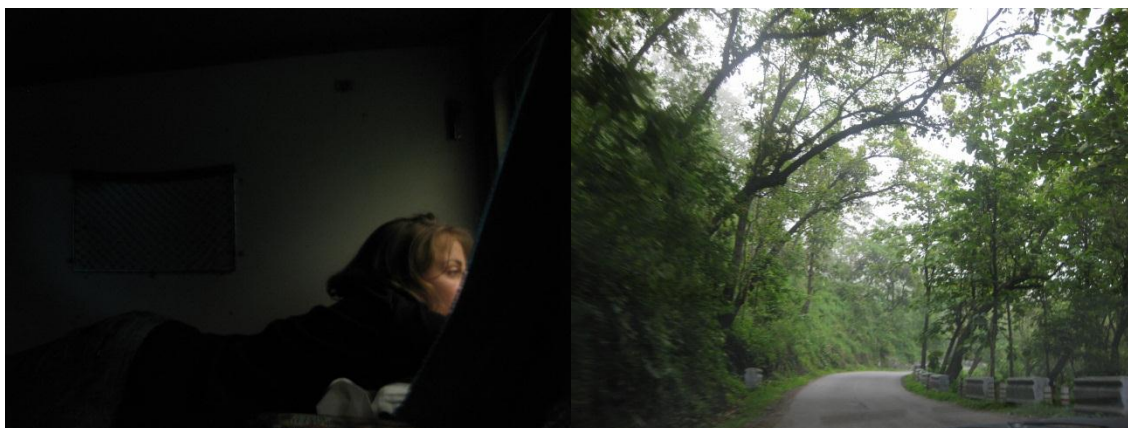
linhas de referência e meios de reforço, fazendo com que seja difícil perceber que progressos se fizeram realmente.

Penso que devíamos essencialmente começar por reduzir os níveis de consumo a que a nossa ‘sociedade industrializada’ nos habituou. Acho essencial entender a noção de necessidades básicas. E TER não faz parte das necessidades básicas. SER! Tornar possível a existência da Humanidade por mais um segundo. De toda a humanidade. Porque se todo o mundo consumisse a níveis ocidentais seria certamente impossível a vida neste Planeta. Respeitar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar. Penso que antes de mais nada, antes de tentarmos ambiciosamente erradicar toda a pobreza, antes de tentarmos salvar o mundo, quer ambiental, social ou economicamente, deveríamos começar por aqui. Com pequenos passos, a um ritmo acelerado.

Portanto, talvez a questão não seja como desenvolver um país, tornando-o produtivo e eficiente a níveis ocidentais. Se calhar a questão nem sequer é de como acabar com a pobreza, permitindo que toda a gente consuma como nós, ocidentais, consumimos. Provavelmente deveríamos ir mais longe. Porque se levantam outras questões, não menos importantes, de como viver neste meio global, de identificar as prioridades do mundo e de como permitir avanços que sejam sustentáveis.

Viver num país como a Índia durante um mês é uma experiência que, para além de guardar no coração para sempre, alterou fundamentalmente a maneira de como vejo o mundo. Porque, para além dos problemas que lá encontramos, existe uma dimensão inexplorada? de felicidade. Um sentimento de união, de partilha, de formas alternativas de economia. De risos de crianças a brincar na rua. De velhinhas a tricotar e de raparigas, no meio dos arrozais, e m plataforma, nas montanhas, a comer pêssegos, a conversar e a ver o sol desaparecer entre as montanhas. De festa, de dança, de um tempo que não se conta no relógio e não passa atarefado. Lá, eu vivi, não desperdicei o meu tempo, não desperdicei água nem electricidade, respirei ar puro, ri, aprendi com os outros e tive tempo para conversar. Porque no ocidente o “tempo é dinheiro”, e naquele país tão longe e tão inatingível, o preço nunca é monetário.

Figura Erro! Não existe nenhum texto com o estilo especificado no documento.1 Laura: Night Train to Kathgodam
Figura IV.2 Caminho de Kathgodam a Tripuradevi



É justo, será justo, negligenciar todos estes valores em prol de uma sociedade mundial, de um mundo global e industrializado, cada vez mais próximo e no entanto cada vez mais distante? Impar. A fronteira parece-me ténue. Talvez porque o seja.

Neste sentido falarei adiante de uma organização voluntária, organização essa que me acolheu durante um mês, em 2010. Utilizarei a sua forma de viver, o seu bater de coração, para ilustrar a possibilidade de um desenvolvimento sustentado, a nível económico, ambiental e social. Porque a mudança, o desenvolvimento, não significa a perda dos costumes e tradições, a negligência do meio ambiente e a ocidentalização de processos. É possível a escolha de uma vida ética! É possível viver, ter um forte impacto e não deixar uma pegada.

V. Aspectos metodológicos

A parte empírica deste trabalho consiste na análise de um estudo de caso que servirá de ilustração às questões discutidas no quadro teórico. Assim, averiguaremos o trabalho de uma organização voluntária indiana, que trabalha com a população do sopé dos Himalaias, nas colinas Kumaoni no que respeita os fins do seu trabalho, bem como os meios, através da influência que a mesma tem sobre a sua população alvo. Ou seja, porque uma organização voluntária para o desenvolvimento tem nas pessoas com quem trabalha o cerne da sua acção, aqui averiguaremos o seu impacto nas pessoas. O trabalho de campo foi todo desenvolvido entre dia 6 de Julho e 9 de Agosto de 2010, por duas alunas portuguesas, estudantes de Economia no ISCTE-IUL, uma delas eu própria.

Neste trabalho proponho-me então averiguar os meios e fins do trabalho da organização AVANI-Kumaon, mais especificamente do seu trabalho no campo têxtil do qual resulta a Earthcraft Self Reliant Cooperative, através do impacto que mostram na região focal, em termos de sustentabilidade ambiental, cultural e social. Nesse sentido, concentro-me na análise de dados relativos aos seguintes eixos:

1. Educação
2. Capacitação Financeira
3. Tradição: Sustentabilidade Cultural
4. Qualidade de Vida/ Realização pessoal

A recolha da informação incidiu, portanto, na elaboração de um questionário (Anexo A), contendo ambas perguntas abertas e fechadas e na observação participante de ambas as alunas. Atendendo ao carácter inesperado da investigação científica e ao limite de tempo para a elaboração e aplicação dos questionários, não recorremos à elaboração de escalas para as perguntas fechadas, sendo que essa elaboração foi posterior e apenas para fins de análise de dados.

O questionário divide-se em duas partes distintas. No momento inicial, procede-se a uma identificação de características de base, de forma a podermos caracterizar a amostra. Nesta parte o foco está na entrevistada, procurando averiguar *quem é* a artesã, antes de a tentar identificar dentro da organização, para podermos perceber qual a influência que a organização

teve na sua vida. Este questionário não foi anónimo, pois a organização mostrou interesse na elaboração de um levantamento de todas as artesãs com quem colabora, sendo que aqui se deu início a esse trabalho.

Num segundo momento de entrevista, na avaliação dos eixos de mudança, é introduzido o assunto focal: organização e a mudança que esta causou na sua vida. Nesta parte são elaboradas questões que colocam a entrevistada em perspectiva, dentro da organização, bem como questões qualitativas de carácter aberto que têm como objectivo proporcionar a valoração do papel da organização para si, tentando ouvir as pequenas histórias de vida escondidas nas entrelinhas.

A população alvo são todas as artesãs que trabalham com esta organização. Contudo, a amostra de estudo, inicialmente pensada para conter um quinto de todas as artesãs que colaboram com a organização voluntária, consistiu em 85 mulheres, artesãs, em três “*field centres*”, ou Centros de Campo: no Campus Principal em Tripuradevi, nos Centros de Digoli e Chankana. A escolha das mulheres para participar nesta amostra foi feita aleatoriamente, tal como a escolha do Centro de Campo a que estavam afectas, sendo apenas influenciada pela disponibilidade das artesãs bem como da organização de acolhimento.

Figura Erro! Não existe nenhum texto com o estilo especificado no documento. **1 Aplicação de Questionários em Digoli 1**
Figura Erro! Não existe nenhum texto com o estilo especificado no documento. **2 Aplicação de Questionários em Digoli 2**



Porém, foram encontradas algumas dificuldades que podem ter influenciado o trabalho em alguns aspectos:

- 1) Escolha da amostra: devido à escassez de tempo, a amostra consistiu em apenas 85 mulheres de três centros de campo, tendo sido impossível, devido também à inacessibilidade das vilas, visitar todos os Centros de Campo. Originalmente, o

objectivo era entrevistar um quinto das artesãs (100), contudo o tradutor teve de nos deixar mais cedo do que o previsto;

- 2) Natureza da amostra: apesar de uma grande percentagem de indianos falarem o inglês fluentemente (a Índia foi uma colónia inglesa até 1947), essa não era a realidade na região focal. A língua revelou-se, portanto, uma barreira, pois apesar da recolha de informação ter sido facilitada com a presença de um tradutor, nas questões abertas as respostas eram apenas parcialmente traduzidas, por pontos, dando azo à omissão de alguma informação importante por lapso do mesmo;
- 3) Influência Cultural: tradicionalmente as mulheres indianas não têm de mostrar qualquer tipo de opinião relativamente ao seu casamento, e não devem falar sobre isso (especialmente com estranhos), sendo os pais inteiramente responsáveis por essa questão. Logo, notou-se alguma inibição quanto perguntas desta natureza. Também, devido à inacessibilidade da região, não é comum serem visitadas por forasteiros, sendo a sua visita vista com alguma estranheza. Para ultrapassar a timidez na resposta a algumas perguntas, tivemos ambientar as mulheres que tencionávamos entrevistar à nossa presença antes de começar o trabalho de recolha de dados, para dessa forma ser mais fácil ganhar a sua confiança e obter respostas mais verdadeiras. No entanto, as mulheres continuaram a mostrar-se um pouco tímidas, provavelmente também devido ao género do tradutor, masculino. Por essa razão houve a necessidade de alterar uma das perguntas abertas (“What was your life like before knowing the AVANI project?”) para pergunta fechada com escala (pior/ igual/ melhor).

Como não significa absolutamente nada tirar elações sobre uma acção sem conhecer o local sobre o qual ela decorre, passo então a contextualizar a organização voluntária que trabalha com a população do sopé dos Himalaias, AVANI, que é Terra em sânscrito

VI. O Caso

6.1 O contexto

“India is not a poor country, it is a poorly managed country.” (Bissel, 2009)

Contendo cerca de 36% de toda a pobreza mundial, vivendo com menos de um dólar por dia, a Índia é considerada um dos países mais pobres do mundo. Com um sistema democrático que segue a linha deixada pelo imperialismo inglês (1947), funciona quase como uma monarquia, passando poderes políticos de geração em geração. Segundo William Nanda Bissel, este sistema político está construído para evidenciar os problemas dos ricos, corrigindo-os e negligenciar os dos pobres, sendo que é sempre necessário ter “conhecimentos” para se poder “mover no sistema” (Bissel, 2009).

No entanto, a Índia não quer um desenvolvimento desenhado à imagem do padrão ocidental, como dizia Gandhi (1928): “God forbid that India should ever take to industrialism after the manner of the West. (...) If an entire nation of 300 million took to similar economic exploitation, it would strip the world bare like locusts”.

Porém, fazer generalizações num país tão grande e díspar como a Índia pode ser um erro. Logo, focar-me-ei apenas a uma região, uma realidade, nas montanhas, perto do Nepal, na base Himalaias, a região do Uttarakhand, Kumaoni hills.

Enquadramento Regional e Social

A Inacessibilidade

Apesar da beleza intrínseca nesta paisagem dos baixos Himalaias, viver nas montanhas nem sempre é fácil.

Figura VI.1 Caminho a pé até Digoli



Figura VI.1 Vista de Digoli



Caracterizada por uma baixa densidade populacional e quase nenhum traço de industrialização, devido à inacessibilidade desta área remota, apesar de muitas vezes existirem políticas de desenvolvimento, a acção governamental nem sempre chega a este distrito, agravando a sua inacessibilidade e conseqüente problema de subdesenvolvimento.

A maior parte das vilas e aldeias que trabalham com a AVANI ainda não estão ligadas ao sistema rodoviário e os seus habitantes têm de caminhar entre meia hora a três horas e meia para chegar à estrada mais próxima.

Educação

Nesta região há acesso à educação, no entanto, por vezes as escolas são demasiado longe para as crianças poderem assistir às aulas todos os dias, levando as famílias a optar por enviar os seus filhos para a cidade mais próxima. Visto que os seus recursos são escassos e a taxa de natalidade é alta, muitas vezes não é economicamente viável proporcionar a todas as crianças numa família a oportunidade de estudar. Logo, esta primazia é dada às figuras masculinas na família.

Emprego

A falta de oportunidades de emprego nestas vilas e aldeias muitas vezes força a figura masculina na família a abandonar o seu lar e migrar para maiores centros urbanos, deixando a sua actividade no campo, de agricultura e criação de gado (essencialmente de subsistência) na esperança de encontrar uma oportunidade e dessa forma melhorar a qualidade de vida de toda a sua família. Este movimento populacional não só piora a situação de desertificação, inibindo também processos de desenvolvimento na região, como tende a sobrecarregar as mulheres, deixando-as encarregues das crianças, do trabalho no campo (agricultura, criação de gado,

colecção de erva para o pasto dos animais nas épocas mais frias) e de todo o trabalho doméstico (que inclui a colecção de madeira, necessária para aquecimento bem como para a confecção de alimentos).

Amenidades

A electricidade ainda não chega a todas as aldeias, e existem ainda alguns problemas no que respeita o fornecimento água e combustível para cozinhar. Para ser viável a confecção diária de alimentos, as pessoas que vivem nestas aldeias têm de apanhar madeira durante cerca de 4 horas por dia. Para além deste trabalho ser bastante duro, adiciona aos problemas de desflorestação. No que respeita o problema da água, para além de não existir ainda água potável em todas as casas, o maior problema reside na regularidade do fornecimento de água, já que para além da estação das monções esta região é muito seca, existindo pouca água disponível para consumo.

Figura VI.3 Típica casa de família



Figura VI.4 Mulher carregando madeira usada como combustível



A Família

Numa família, as figuras mais velhas são sempre as mais importantes, respeitadas e tidas em conta como as figuras máximas, “os chefes de família”. No entanto, é sempre o homem quem manda em casa, visto que a partir da cerimónia de casamento, as mulheres fazem o voto de tratar o seu marido e começar a vê-lo como se fosse um Deus, enquanto o marido promete ser capaz de satisfazer as necessidades da família.

Apesar dos casamentos serem normalmente arrançados entre as famílias, normalmente as mulheres não têm uma palavra a dizer sobre o que o seu pai (e mais tarde o seu marido)

decide sobre o seu futuro. Tendencialmente as raparigas casam-se muito cedo, deixando a sua família e indo morar com a família do seu marido e começando a ter filhos muito cedo

6.2 “A Terra”, ou AVANI

Vivemos entre as entrevistadas durante um mês, e eu não trouxe somente uma base de dados. Trouxe as lições de vida de quem é mais atento ao mundo, de quem tem tempo para ver o tempo passar. A paciência, de não querer tudo para ontem e esperar que as coisas cheguem até nós, tanto na vida social e espiritual como no tempo de trabalho. Porque naquele sítio o trabalho e a vida não se separam como azeite e água, estão unos. E para perceber a informação recolhida é necessário tomarmos também essa perspectiva e olhar os dados à luz da verdade de lá, que não é a mesma versão da verdade daqui, do ocidente.

Figura VI.5 A fumar com outra mulher em Digoli



Figura VI.6 Annegreet acompanhada pelas raparigas do Centro de Digoli



Para a recolha de dados fizemos quilómetros de mochila às costas, atravessámos rios e riachos, descemos e subimos colinas, respirámos aquele ar puro que não se encontra em qualquer outro lado do mundo e tivemos tempo para escutar. Iniciámos a recolha em Tripuradevi, saímos cerca de dez dias para o Centro de Campo de Digoli e finalizámos com um fim-de-semana em Chankana. Mas a recolha de dados não se cingiu aos Centros de Campo! Muitas das artesãs que trabalham com AVANI fazem-no a partir das suas próprias casas, de forma a conseguirem conciliar o trabalho com as suas tarefas domésticas e pouparem o tempo da deslocação, que pode chegar a várias horas a pé.

As aldeias de Chankana e Digoli são ambas distantes de qualquer tipo de meio rodoviário, sendo que a estrada mais próxima se encontra a meia hora e três horas e meia a pé, respectivamente. Ambos os centros têm a particularidade de se situarem entre comunidades de

uma casta chamada Bhotias. Os Bhotias são originalmente da fronteira Indo-Tibetana e distinguem-se das comunidades Hindus de aldeias vizinhas essencialmente pela sua filosofia de vida, do tratamento das mulheres e da história do trabalho têxtil (tradicionalmente, na fronteira Indo-Tibetana, as mulheres ocupavam-se de trabalhos têxteis, para a subsistência da família. No entanto, com o passar do tempo, diminuição de preços e mecanização da produção, a sua produção individual era pouco rentável e foi sendo lentamente deixada).

No que diz respeito ao tratamento das mulheres, enquanto as populações Hindu percebem uma filha como um “azar”, um “infortúnio”, devido ao dote que a sua família tem de oferecer no momento do casamento, significando a filha um encargo monetário e um filho uma fonte de receita, para os Bhotias, as mulheres são um bem precioso. Uma filha, uma mulher, é sempre um símbolo de respeito, e deve ser tratada com amor e carinho, lutando toda a família pelo casamento feliz da filha, dando importância à generosidade e respeitabilidade do futuro marido.

Tripuradevi, por outro lado, localiza-se junto da estrada, a Via Berinag, entre as mais baixas castas Hindu. Este centro, o Campus Principal, não é unicamente um centro de dia! Neste centro vivem cerca de 40 pessoas, entre mulheres solteiras e separadas ou viúvas com os seus filhos, e famílias inteiras. Este campo pode contar com uma cozinha comum, onde são servidas as refeições a todos os habitantes, dormitórios, quartos para hóspedes (pessoas que vêm estudar a organização ou fazer um turismo diferente) e algumas casas de família, bem como campos agrícolas (e uma estufa) para fazer face às necessidades alimentares bem como para o cultivo de algumas plantas corantes. Neste *campus* está também sediada a parte burocrática de todo o negócio.

A Organização

“AVANI is not about capitalism, it is not only about Money and working at AVANI is not a mere Job. It's a way of life”

A génese do projecto AVANI, que significa “Terra” em sânscrito, iniciado em 1996 como apenas um capítulo do Barefoot College (Tilonia, Rajastan) e tornando-se independente em 1999, relaciona-se com no contexto de isolamento, e consequentes problemas experienciados pelas aldeias e vilas situadas na região. Tem como objectivo proporcionar uma alternativa de vida, encontrando soluções que passem pela conservação, em vez de distribuição, e pela sustentabilidade e auto-suficiência, ao invés de dependência do exterior. Como tal, o seu

trabalho assenta nos valores primordiais de participação da comunidade, respeito pelos saberes locais, conservação ambiental e comércio justo.

Figura VI.7 Painéis solares no telhado, numa aldeia a 4 horas a pé da estrada mais próxima



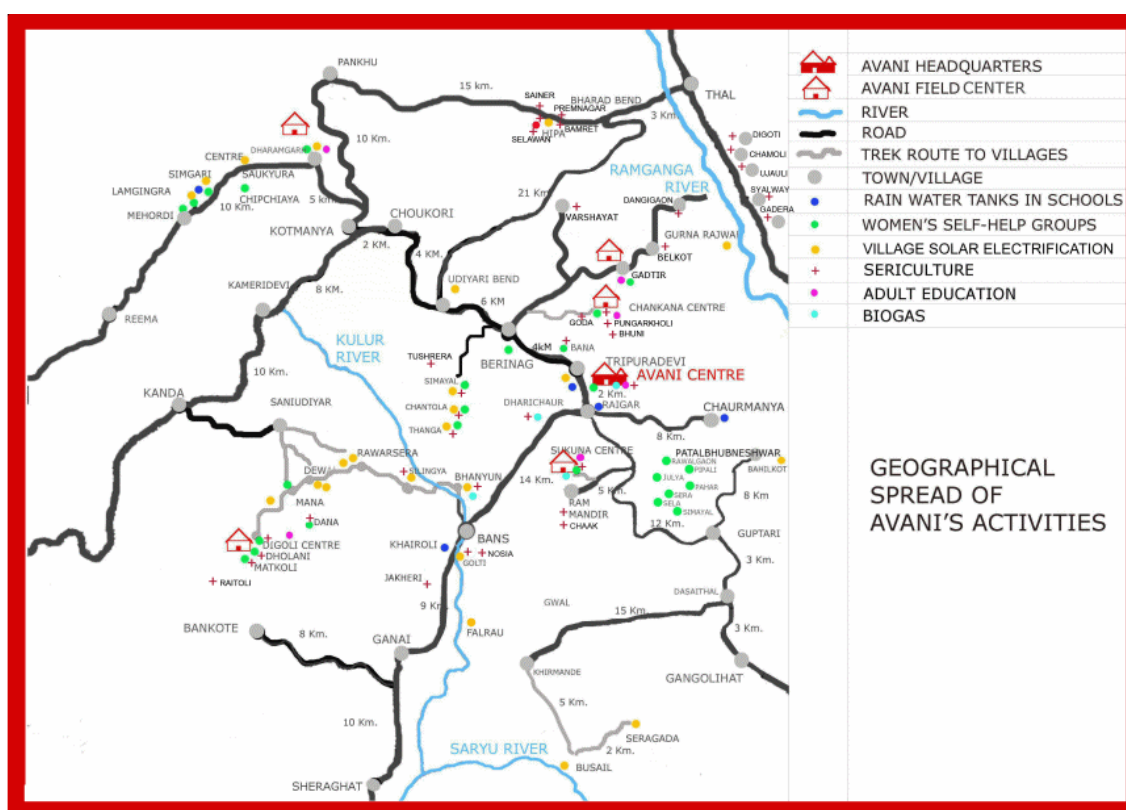
Para atingir os seus objectivos de proporcionar um meio de subsistência, uma “vida melhor” a esta população, AVANI empenha os seus esforços no desenvolvimento e disseminação de tecnologia apropriada a saciar as necessidades da população de uma forma ambientalmente consciente, promovendo oportunidades relacionadas com actividades à base do artesanato (através da produção de têxteis tecidos e tingidos manualmente) e da agricultura. Com o objectivo da capacitação de grupos comunitários, AVANI desenvolve também programas de saúde e educação visando a provisão e disseminação dos mesmos serviços pela própria população.

O trabalho da organização divide-se em 5 áreas, a saber:

- Educação: A área mais recente, podendo AVANI contar desde Abril de 2011 com uma pequena unidade escolar para crianças em idade pré-escolar, baseada no método Montessori, que tem como objectivo abrir portas, dentro dos próximos anos, a crianças até ao 5º ano de escolaridade (ensino primário);
- Energias Renováveis: Dinamizando uma unidade de capacitação de recursos humanos para a montagem e disseminação de painéis solares para a satisfação das necessidades familiares. Conta também com uma unidade de investigação, em que desenvolve outras tecnologias verdes potenciais;
- Gestão de água potável: Porque a água é um recurso escasso na região, AVANI proporciona um sistema de aproveitamento de águas pluviais, bem como de reciclagem de água, tratada aeróbica e anaerobiamente, para uso agrícola;

- Atividades agrícolas: Devido à volatilidade do clima ao longo do ano, AVANI traz soluções agrícolas que podem servir de base salarial às famílias, evitando a necessidade de migração para centros urbanos;
- Têxteis: Este sector é um dos pontos fortes da organização, tendo-se tornado uma cooperativa artesanal independente em 2010, gerida por artesãs. No entanto, apesar da cooperativa se ter encarregue da produção e marketing dos têxteis começados em AVANI, a organização é ainda responsável pela capacitação das mulheres, bem como pelo desenvolvimento e provisão da tecnologia necessária ao negócio.

Figura VI. 8 Mapa da distribuição geográfica das actividades de AVANI



Neste trabalho focar-me-ei apenas na área têxtil, e portanto na actividade da cooperativa auto-sustentada - a Earthcraft Self Reliant Cooperative.

Tendo-se tornado recentemente independente da organização, esta cooperativa de artesãs procede à tecelagem de têxteis em algodão, seda (Eri, Muga e Tussar) e lã (Merino e Tibetana), produzidos manualmente na sua íntegra, utilizando métodos tradicionais, alguns dos quais já se haviam perdido, e utilizando unicamente corantes naturais.

Figura VI.9 Lã Merino



Figura VI.10 Lexmi a tecer, em Tripuradevi



De todo o processo de produção, resultam tecidos, que podem ser comprados a metro ou transformados em têxteis para lar (tapetes, capas de almofadas...), roupas de criança e adulto ou, e essencialmente, *écharpes* em três tamanhos diferentes: *mufliers*, *stoles* e *shawls*. O design das peças é elaborado por organizações de design que colaboram tanto com AVANI como com a cooperativa.

Sendo que uma das marcas da AVANI é a sustentabilidade ambiental, acreditando que a instalação de qualquer indústria de pequena escala numa área rural deve dar o primeiro passo de forma consciente, pois é esse que fará toda a diferença.

Todos os processos são “Eco-friendly”. Processos como a colheita e o cultivo de matérias-primas corantes e o restabelecimento da sericultura levaram à protecção e plantação de árvores nativas que até então não tinham valor económico. Além disso, todos os produtos são feitos à mão e tingidos com corantes naturais que são extraídos de plantas comuns, a maioria localmente disponível. Esta cooperativa está responsável por todo o processo de produção: desde fiação, ao tingimento com corantes naturais (feitos com plantas encontradas na região, recolhidas sazonalmente por mulheres), transformação das fibras em bobines manual ou com a ajuda de energia solar, tecelagem manual em teares feitos manualmente com madeira por pessoas da comunidade, até aos detalhes de acabamento.

Figura VI.11 Echarpes



Figura VI.12 Tecido ainda no tear (Almora pattern)



Dos Participantes nas iniciativas da AVANI, 85% são mulheres, sendo que no sector têxtil apenas existem mulheres, o que confere outra grande característica à acção da organização que é o *empowerment* de mulheres. A contratação e formação de mulheres da região dá-lhes uma oportunidade de vida perto dos seus lares, tornando-as pessoas mais responsáveis e capacitadas.

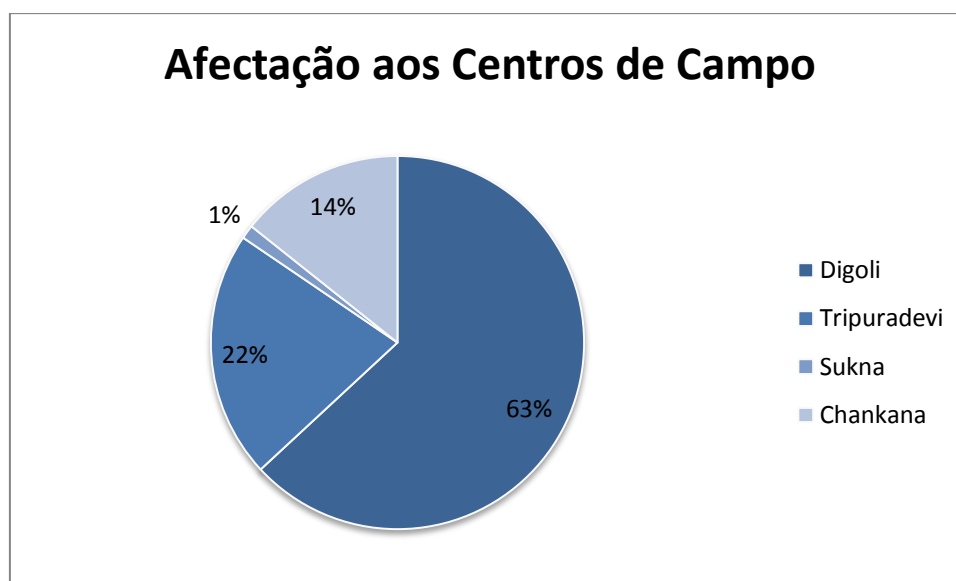
Para além das oportunidades de emprego, de educação e de um modo geral, de vida, a AVANI também proporcionou a criação e implementação de grupos financeiros de auto-ajuda entre mulheres, permitindo assim uma maior autonomia às mulheres da região, que se traduz não só de uma forma meramente económico-financeira, mas cultural. Esta recentemente adquirida autonomia financeira está proporcionar uma liberdade perante as figuras masculinas da sociedade, está a dar às mulheres uma voz e a possibilidade de escolha do seu próprio caminho.

6.3 Apresentação de Resultados

Caracterização da Amostra

Apesar de conduzida em três locais diferentes, cerca de 63,1% de todas as mulheres entrevistadas estava afectada ao Centro de Campo de Digoli, 21,4% trabalhava em Tripuradevi e 14,3% das mulheres no Centro de Campo da aldeia de Chankana (apenas 1 das entrevistadas pertencia a outro centro, ao de Sukna).

Figura VI.13 Afecção aos Centros de Campo

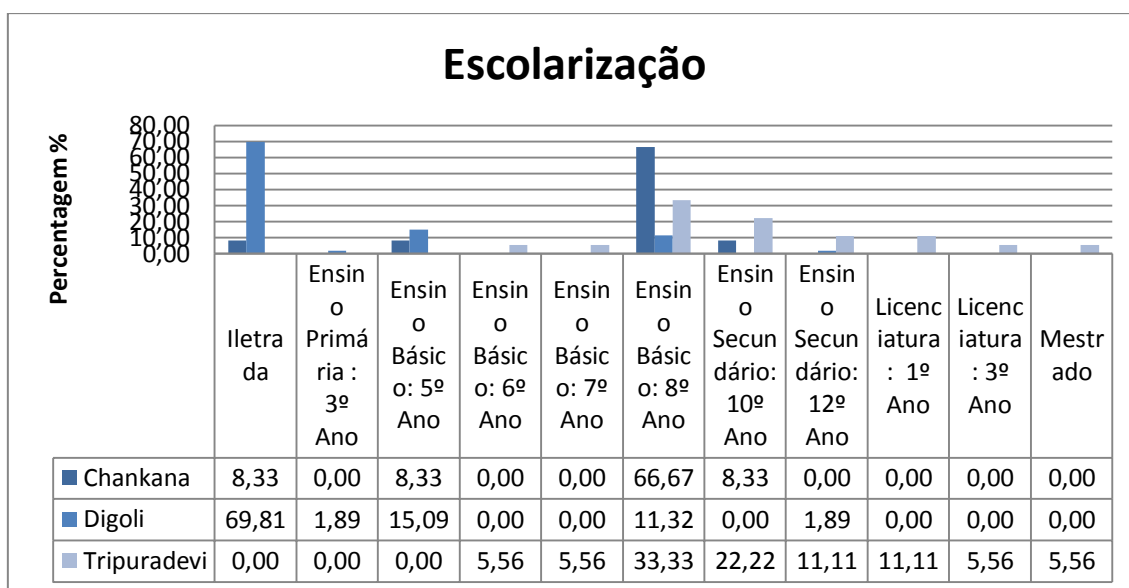


*Fonte: Base de Dados - Anexo B

Em termos de idade, notamos que a amostra tem uma dispersão desde os dezassete e os oitenta anos de idade. Porém, a moda situa-se no grupo dos vinte e nove anos de idade, com a frequência de 32 mulheres. Apesar de a dispersão ser de sessenta e três anos, podemos notar que as mulheres mais velhas da amostra estão afectas ao centro de campo de Digoli, sendo neste campo a média os quarenta e um anos de idade e a média de quarenta e cinco. Tripuradevi evidenciou a população mais jovem, com a moda a localizar-se no grupo mais jovem, dos dezoito anos, sendo a média os vinte e um. Na aldeia de Chankana as mulheres questionadas eram maioritariamente jovens, mostrando uma média de vinte e um anos de idade, contendo-se a moda nos vinte e um anos de idade.

No que respeita a educação das mulheres entrevistadas, podemos notar diferentes padrões de escolarização em aldeias diferentes.

Figura VI.14 Escolarização



*Fonte: Base de Dados - Anexo B

Enquanto em Digoli, que se situa a três horas e meia da estrada mais próxima e Chankana a meia hora de caminho pedonal, o Campus de Tripuradevi localiza-se junto de uma estrada principal. Tripuradevi localiza-se também junto de uma vila principal, que nela contém infra-estruturas como hospital, escola secundária e até um pólo universitário! Podemos então notar, tal como é visível na Figura 2, que as mulheres menos escolarizadas pertencem ao Centro de Campo de Digoli. Neste Centro, cerca de 70% das artesãs são iletradas e tendo apenas uma mulher (1,89%) completado o décimo-segundo ano de escolaridade. Em contraste, Tripuradevi mostra um padrão de escolarização mais disperso e qualificações mais elevadas. As mulheres entrevistadas pertencentes a este Campus completaram no mínimo o sexto ano de escolaridade (5,56%), sendo a moda o ensino até ao oitavo ano mas a média o décimo ano de escolaridade. Este é o único centro onde podemos encontrar artesãs formadas a nível superior, representando 22,23% da amostra de mulheres recolhidas neste Centro de Campo. Em Chankana, a moda de escolarização é a mesma que em Tripuradevi, com 67,67% das mulheres tendo concluído o oitavo ano de escolaridade. Apesar de 8,33% das mulheres ter concluído o quinto e o décimo ano de escolarização (na mesma percentagem), podemos notar a mesma percentagem de iliteracia.

No geral, relativamente à educação, notamos que, apesar de um dos centros mostrar elevados padrões de escolarização, a moda continua a ser a iliteracia, com 39 mulheres, e mais de metade da amostra concluiu no máximo o quinto ano de escolarização. Contudo, se

compararmos com os padrões de escolarização dos seus progenitores, notamos uma alteração significativa, especialmente relativamente às suas mães, sendo que 88% das mães das mulheres da amostra são iletradas, nenhuma mãe estudou para além do oitavo ano de escolaridade (2,4%), e apenas três estudaram para além do quinto ano. A maior parte destas mulheres trabalharam toda a vida nas suas próprias casas, sendo ou donas de casa (36,9%) ou agricultoras (53,6%). No que respeita a educação do pai, apesar de um dos pais ter completado o nível de mestrado, o padrão é semelhante, com a maioria (78,6%) de iletrados. Tal como as mães, a maioria também se dedica à agricultura (44%). Os restantes trabalham em construção (13,1%), 16,6% vive longe, tendo ou migrado para centros urbanos, procurando uma oportunidade para melhorar o estatuto de vida da família, ou estando a prestar serviços no exército.

Figura VI.15 Comparação de Escolarização



*Fonte: Base de Dados - Anexo B

Relativamente ao estado civil das participantes, notamos que este é influenciado tanto pela idade como pela educação das mesmas. No Centro de Campo onde as qualificações se revelaram mais elevadas e as entrevistadas eram mais novas, Tripuradevi, a maioria das

artesãs eram solteiras (66,67%), estando apenas cerca de 11% casadas e as restantes noivas. Em Chankana, um centro jovem, as mulheres são também maioritariamente solteiras (58,33%) ou estão noivas (8,33%), estando as restantes casadas ou separada, partilhando estes estatutos igual percentagem. Por outro lado, em Digoli, onde a moda e média de idade das artesãs é mais elevada e as qualificações mais baixas, a maior parte das mulheres estava casada (58,49%), separada do marido (5,66%) ou era viúva (15,09%), sendo apenas 20,75% das mulheres ainda solteiras.

No grupo de mulheres casadas, a maior parte dos seus companheiros sentiu-se forçado a migrar, na esperança de conseguir um bom emprego num centro urbano, de forma a poder sustentar a sua família, dando-lhes uma vida melhor. No caso das mulheres casadas que podem contar com a presença do seu marido, este ocupa-se tendencialmente de afazeres de auto-subsistência da família, como a agricultura e o tratamento do gado. Apesar de 44% das mulheres entrevistadas não ter filhos, o número de filhos numa família varia entre 1 e 8, sendo que a moda é 4, correspondendo a 15,5% da amostra.

Quando questionadas acerca das suas perspectivas de casamento, as mulheres solteiras mostraram-se sempre muito tímidas, especialmente em Digoli. A maior parte das raparigas olha o casamento como uma inevitabilidade, uma questão sobre a qual normalmente a sua opinião não conta, não é ouvida. Assim, a maioria das raparigas em Digoli (54,5%) confessa não pensar nessas questões, por ser uma decisão que aos pais cabe. Contudo, esta resposta nem sempre é dada com tristeza ou rancor. Vivem numa pequena aldeia, onde não existem pretendentes suficientes para todas as raparigas, e não querem envelhecer sozinhas: “é triste envelhecer sozinho”, dizem. Apesar da inevitabilidade do casamento, se a decisão fosse sua, 18,2% das raparigas não se casaria. Em Tripuradevi, a maior parte das raparigas não está ansiosa pelo casamento (46,15%), 23,08% deixa a decisão somente nas mãos dos seus pais, esperando as restantes um casamento feliz. Em Chankana, o padrão de respostas mostrou-se semelhante ao de Tripuradevi, com a maior parte das raparigas a responder “não” quando questionadas se se queriam casar, no futuro (43%). As restantes deixam a escolha aos pais ou mostram vontade em constituir a própria família, dividindo igualmente a percentagem remanescente.

Também relativamente ao casamento, notamos que a média de idades em que as raparigas se casam tem vindo a alterar. Enquanto a média de idade de casamento das mulheres casadas é os 16 anos, tal como a moda, tendo 60% das mulheres casado até aos 16 anos de idade, o

grupo de mulheres solteiras não pensa casar-se antes dos 25 anos de idade, e nunca antes dos 21.

Quadro VI.1 Idade de Casamento

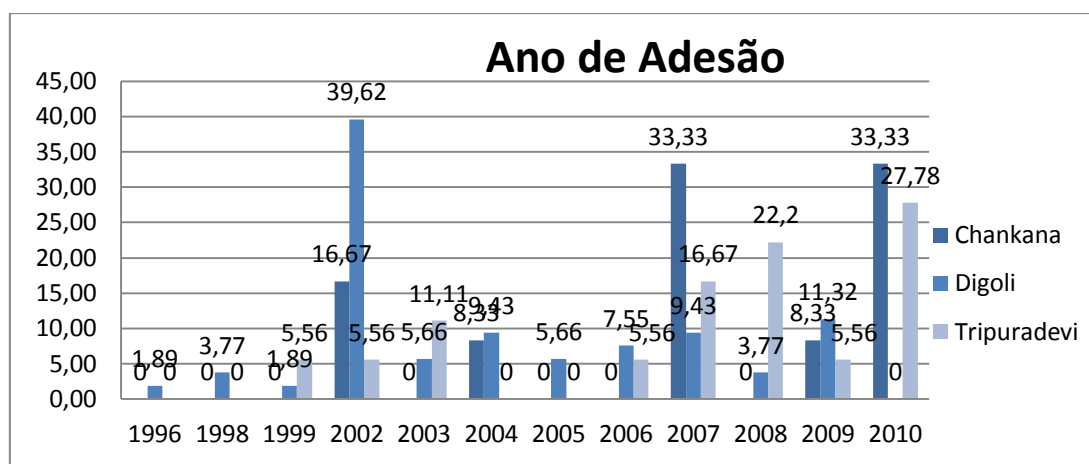
Idade	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Acumulada
12	2	4	4
13	5	10	14
14	5	10	24
15	8	16	40
16	10	20	60
17	5	10	70
18	7	14	84
19	2	4	88
20	0	0	88
21	5	10	98
22	0	0	98
23	1	2	100

*Fonte: Base de Dados- Anexo B

Eixos de Avaliação da Mudança

As artesãs questionadas começaram a trabalhar com AVANI entre 1996 (o ano em que o projecto começou a ganhar forma, ainda sob alçada do Barefoot College) e o ano da condução das entrevistas, 2010. Enquanto nas vilas de Digoli (39,62%) em 2002 e Chankana (33,33%) em 2007 e 2010, notamos um pico de afluência ao Centro de Campo, Tripuradevi mostra uma adesão mais nivelada, mostrando apenas um aumento no ano de 2010.

Figura VI.16 Ano de Adesão a AVANI



*Fonte: Base de Dados- Anexo B

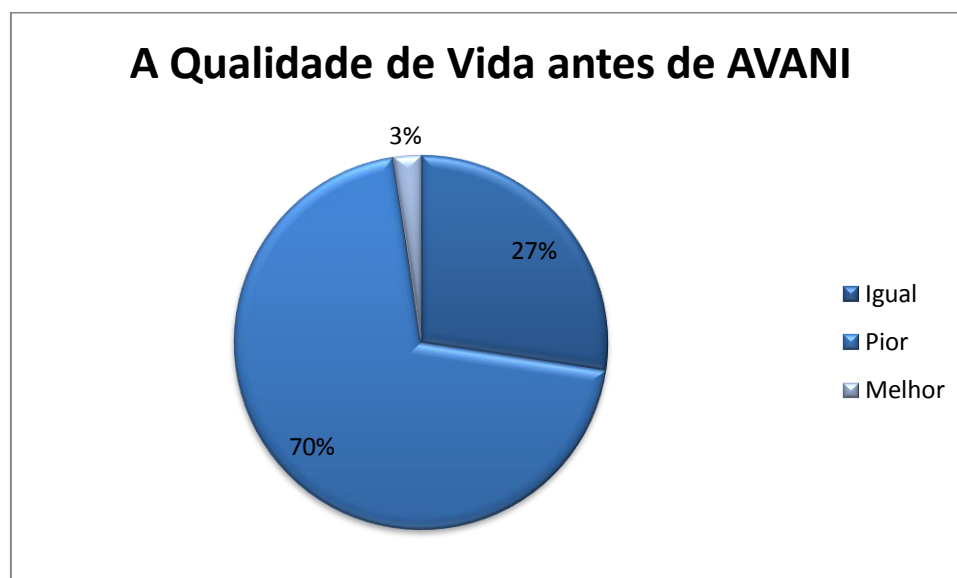
Em Digoli, a maior parte das entrevistadas desempenhava o trabalho menos qualificado disponível em AVANI. 33,96% Das mulheres afectas a este Centro de Campo são colectoras de materiais (plantas e raízes) utilizados para o tingimento natural, tendo apenas uma actividade sazonal, e 28,3% trabalha como fiadora de lã, maioritariamente visto como um trabalho tendo em vista uma pequena ajuda para as despesas familiares. Contrastando com este cenário, Tripuradevi é onde podemos encontrar mulheres com empregos mais qualificados, justificando assim também os padrões observados relativamente à educação, encontrando mulheres a desempenhar funções na coordenação e manutenção de stocks, contabilistas e supervisoras, sendo que estes empregos constituem apenas 33,33% dos empregos de todas as mulheres entrevistadas neste Centro de Campo. As restantes mulheres desempenhava funções de transformação das fibras em bobines, tecelagem manual ou nos acabamentos, em percentagem igual de 16,67%. Em Chankana, a maior parte da amostra dedicava-se à tecelagem manual (41,67%), cerca de um quarto à transformação das fibras em bobines e as restantes desempenhavam funções de supervisão ou trabalhavam no departamento de acabamentos.

Quando questionadas acerca do emprego que teriam se não fosse o emprego com esta organização voluntária, a maior parte das entrevistadas respondeu que não teria a oportunidade de trabalhar formalmente, devido à falta de oportunidades existente nesta região montanhosa, bem como à carga de trabalho doméstico a que estão afectas: desde tarefas domésticas, à agricultura e tratamento do gado. A restante parte da amostra teria de se sujeitar a trabalhos mal pagos de esforço físico, como carregadoras de pedra, construtoras ou trabalho agrícola, e apenas uma pequena percentagem (3,57% de toda a amostra, representando apenas

16,67% das mulheres entrevistadas em Tripuradevi) estaria a continuar os estudos, formando-se como professora.

A maior parte das mulheres sente que o trabalho em AVANI constitui uma alteração positiva na sua vida, considerando-a como uma melhoria no nível de vida, nem que esta melhoria seja apenas económica (70% de toda a amostra). Algumas das entrevistadas, especialmente as que têm um trabalho sazonal (recolha de matéria-prima para a “confecção” de corantes naturais) ou em *part-time* (fiação), considera que não houve grande alteração, nem económica nem na sua qualidade de vida em geral, desde que iniciara o trabalho com a organização, pois a alteração nos seus rendimentos é muito baixa (27%). Apenas 3% de toda a amostra, as raparigas que estariam a continuar os seus estudos, considerou ter uma qualidade de vida mais baixa. Apesar de agora terem uma fonte de rendimento que lhes permite alguma independência e ajudar a sua família, estas raparigas acreditam que se tivessem a oportunidade de continuar os estudos, a sua qualidade de vida seria melhor, teriam melhores oportunidades futuramente, ganhando mão no seu próprio destino.

Figura VI.17 A Qualidade de Vida Antes da Adesão a AVANI

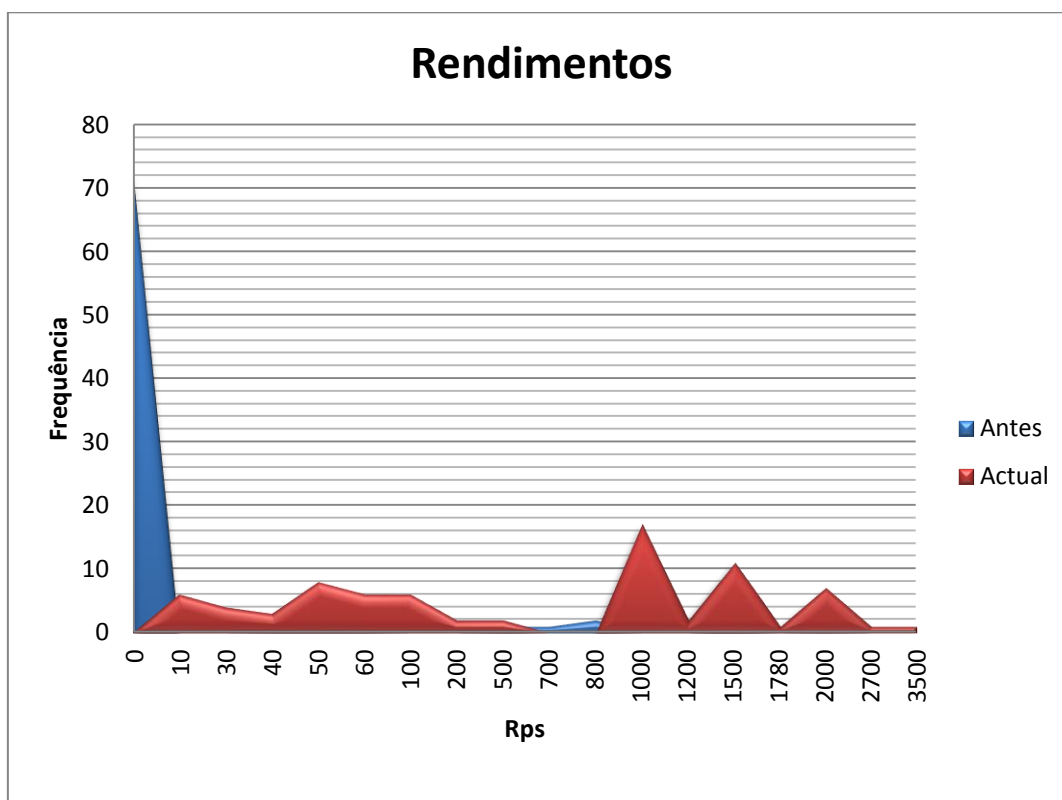


*Fonte: Base de Dados- Anexo B

Como a maior parte das mulheres não tinha um emprego antes de começar a trabalhar com AVANI, devido a dedicar os seus esforços à agricultura de subsistência e ao tratamento do gado, ou ao estudo, 80% das mulheres em Chankana, 92% em Digoli e 77,8% das entrevistadas em Tripuradevi (ou 86,9% de toda a amostra) não recebia um salário, nem qualquer tipo de rendimento (Figura 6). O seu salário actual depende da função que desempenha, do departamento em que trabalha, sendo as colectoras de materiais para corantes

naturais e as fiadoras as menos bem pagas. É, portanto em Digoli que se evidenciam os padrões salariais mais baixos, variando entre 10 Rupias (Rps), com a frequência de 11,5% até 2000Rps (7,55%) sendo a moda as 1000Rps por mês. Apesar da moda ser igual em Tripuradevi, aqui os salários variam entre as 1000 e as 3500Rps mensais (5,56% das raparigas deste centro). Em Chankana podemos notar uma moda mais alta, com um quarto das raparigas a receber 1500Rps por mês, mas uma maior dispersão salarial, variando entre as 500 e as 2700Rps.

Figura VI.18 Rendimentos

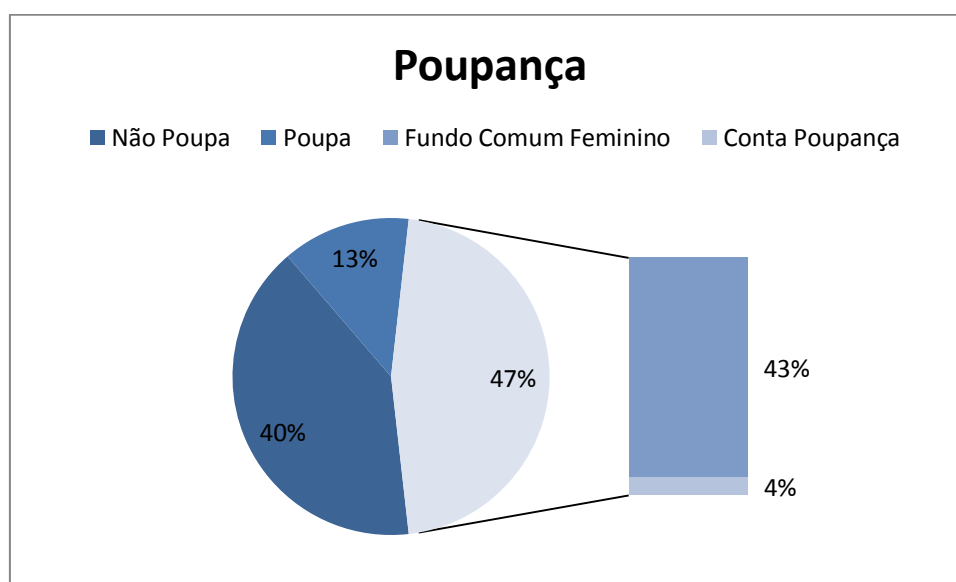


*Fonte: Base de Dados- Anexo B

Relativamente à poupança, podemos observar (Figura 7) que 60% das mulheres entrevistadas poupa uma parte dos seus rendimentos de alguma forma, e 47% recorre a um mecanismo formal de poupança, quer seja através de um Fundo Comum Feminino ou numa conta poupança individual, e as restantes tem apenas uma conta bancária, sem obrigação de contribuição. Quando comparadas, a vila onde se poupa mais mensalmente é Chankana, onde apenas 33,33% não faz qualquer tipo de poupança. Das restantes, cerca de um terço poupa cerca de 50Rps, juntamente com outras mulheres, para um fundo comum de poupança feminino. As restantes mulheres afectas a este Centro de Campo tem uma conta poupança própria, onde pouparam desde 100 até 966,70Rps (5800Rps de semestralmente). Apesar de em

pequenas quantias, devido ao baixo nível salarial, em Digoli a maior parte das mulheres (56,6%) poupa algum dinheiro mensalmente, sendo que 50,9% destas recorre a um fundo comum e apenas 5,7% tem uma conta própria. As mulheres afectas a este Centro poupam entre 10 e 100Rps mensalmente, sendo a moda as 20Rps. Por fim, em Tripuradevi, apenas 38,9% das mulheres não recorre a nenhum tipo de método de poupança, utilizando os seus rendimentos mensalmente. As restantes poupam entre 100 (22,2%) e 500Rps mensalmente, tendo a maioria aberto uma conta individual (38,9%), poupando as restantes através de um Fundo Comum Feminino, ou tendo aberto uma conta poupança para um propósito específico, como a educação dos filhos, por exemplo.

Figura VI.19 Poupança



*Fonte: Base de Dados- Anexo B

Quando inquiridas acerca do impacto que o projecto teve nas suas vidas, em geral, podemos notar que AVANI significou uma transformação positiva para a maior parte das mulheres, para algumas mais do que para outras, traduzindo-se na melhoria da qualidade de vida das famílias.

Em Digoli, 18,5% das mulheres referenciou o facto de terem mais possibilidades financeiras para fazer face às necessidades familiares e 11,11% referiu apenas o facto de ter agora um rendimento mais elevado, ou a possibilidade que têm agora de se embelezar (7,4%), comprando roupas e ouro. 16,67% Das mulheres tem agora energia solar, oportunidade que não seria possível se não fosse a organização. Referindo valores intangíveis, 12,96% das entrevistadas refere que agora se sente bem, feliz, que se sente mais independente e integrada

na sociedade, 5,5% mostra a sua felicidade pela possibilidade dos filhos continuarem os estudos (AVANI ajuda a pagar os estudos a filhos de viúvas, oferecendo os manuais) ou o facto de conseguirem pagar o casamento das filhas(3,7%). Contudo, houve uma percentagem elevada de mulheres que preferiu não responder a esta questão (14,8%) ou que não pensaram sobre o assunto (1,85%), tendo as restantes 7,4% dito que não sentem qualquer alteração.

Em Tripuradevi, 61,09% das entrevistadas mostrou-se feliz com a oportunidade, falando que se sente bem porque tem um trabalho (33,33%), porque se sente mais independente (16,66%), porque é mais qualificada (5,55%) ou simplesmente porque se sente valorizada e tem a oportunidade de fazer parte de um projecto (5,55%). 27% das raparigas falou acerca da melhoria da situação económica, sendo que 11% refere que a experiência tem sido positiva porque tem um rendimento a fazer algo que gosta de fazer e é útil. Das restantes, 11,10%, metade falou da possibilidade que AVANI significou para a continuação do estudo dos filhos, e as restantes não sentem qualquer diferença na sua vida.

A maior parte das mulheres e raparigas entrevistadas em Chankana, salientou o aspecto económico do trabalho em AVANI, traduzindo-se na possibilidade de comprar roupas e ajudar a família (16,67%), apenas em ajuda à sua família (16,67%) ou apenas em felicidade advinda desse ganho extra (8,33%). Houve algumas respostas neutras neste grupo, afirmando as mulheres ainda não sentirem qualquer alteração (16,67%), devido ao seu recente ingresso no trabalho com a organização. As restantes mulheres vincam essencialmente o facto de se sentirem independentes (33,33%), sentindo-se 8,33% também gratas pela oportunidade e bem, em geral com a sua vida.

Em suma, Digoli foi o único centro em que houve não-respostas. Podemos tentar explicar este facto através da baixa escolarização das mulheres bem como a sua idade. Também, devemos notar que a maior parte das entrevistas foi conduzida em pequenas aldeias afectas ao Centro de Campo, onde as entrevistadoras eram vistas como outsiders, existindo portanto alguma relutância em responder. As pessoas provenientes destas aldeias são muito humildes e, como podemos ver pela análise desta pergunta, se não fosse AVANI com a energia solar, não lhes seria possível ter outro tipo de electricidade em casa, mostrando assim necessidades diferentes daquelas presentes noutras aldeias.

É também importante notar que com o rendimento que auferem são agora capazes de manter os filhos a estudar, sendo que nalguns casos AVANI ajuda com a distribuição de manuais (usualmente esta ajuda é prioritária a mulheres viúvas com filhos em idade escolar).

Podemos notar em dois eixos predominantes de respostas dados a esta pergunta:

1. O valor dado ao rendimento recebido, que lhes permite um aumento da qualidade de vida: ajudando a fazer face às necessidades primárias da família (alimentação, despesas de electricidade, roupa e abrigo) bem como traduzindo-se na sua própria independência financeira;
2. O facto de sentirem felizes e bem consigo próprias, valorizando a independência, apreciando o seu trabalho, sentindo-se valorizadas e estando gratas.

No que respeita as expectativas futuras das artesãs que fazem parte deste projecto, notámos alguma dificuldade na obtenção de respostas consistentes, pois sobressaíram a timidez, humildade e talvez alguma ingenuidade característica das entrevistadas. Notamos que muitas pessoas não pensam objectivamente no futuro, que não têm expectativas de vida a longo prazo, vivendo o presente, o dia-a-dia com gratidão, sentindo-se felizes com a sua vida presente.

Em Digoli, cerca de 35% da amostra diz-se satisfeita com a sua vida actual, e portanto não tem perspectivas futuras, querendo apenas continuar a trabalhar com a organização, e ganhar dinheiro para algum evento inesperado (14,8%), como um casamento na família, ou alguma doença. A mesma percentagem de mulheres espera poder casar as suas filhas quando em idade de casamento (entre os 18 e os 21), juntando o dinheiro que recebem de AVANI, para poderem acumular um bom dote e assim casar as filhas bem. Enquanto 12,96% da amostra apenas sonha com uma vida melhor para os seus filhos, esperando que possam completar os seus estudos, 12,95% espera continuar a receber formação para melhorar a sua qualidade de vida, para ajudar no casamento dos irmãos (5,55%), no próprio casamento (5,55%), ou apenas porque gostaria de desempenhar outra actividade, como o tricot (1,85%). Apenas 3,7% mostrou apenas o desejo de continuar a ganhar o seu próprio rendimento, aumentando assim a sua poupança.

Em Tripuradevi, a maior parte das mulheres falou, de uma forma ou de outra, de educação e formação, sendo que apenas 22,22% não o fez, alegando que não tem quaisquer expectativas para o futuro, que se encontra feliz nesta etapa da sua vida. A mesma percentagem afirma querer aprender outro ofício dentro de AVANI, 5,55% das quais querendo vir a trabalhar no departamento de alfaiataria. Ainda dentro da instituição, algumas mulheres (16,66%) mostraram a vontade de aprender e melhorara as suas capacidades de forma a poder subir nos quadros da organização (11,11%) ou de forma a aumentar os seus rendimentos (5,55%). Não

obstante da valorização dada ao momento de aprendizagem em AVANI, 22,22% pretende tentar a sua sorte fora da instituição, acabando o seu curso superior (11,11%) e trabalhando com a comunidade, sendo professora ou abrindo o próprio negócio (11,11%). A restante parte da amostra mostrou interesse em melhorar a qualidade de vida da sua família, daqueles que lhes são mais próximos, desejando ter capacidade de continuar a trabalhar para poder proporcionar aos filhos uma boa vida, esperando que eles próprios tomem as rédeas do seu destino, podendo estudar, ter um emprego e um casamento da sua escolha (11,11%), ou de forma a conseguir pagar os estudos dos irmãos (5,55%).

Por último em Chankana, cerca de um quarto das mulheres entrevistadas (24,99%) fizeram considerações acerca do bem-estar que o rendimento recebido em AVANI lhes proporciona, dividindo-se essa percentagem igualmente entre o desejo de poupar dinheiro para a reforma, para a família ou para o próprio dote marital. Por outro lado, e em igual parte de 24,99%, houve mulheres que mostraram interesse em aprender e crescer dentro da organização, aprendendo o ofício de todos os departamentos (8,33%), melhorando as suas capacidades (8,33%) ou tornando-se supervisora (8,33%). Das restantes respostas neste centro, podemos identificar três vias distintas com igual frequência de respostas. Enquanto um dos grupos respondeu que se sente feliz como está, e portanto não tem expectativas quanto ao futuro, outro expressou a vontade de se emancipar, tornando-se independente (8,33%) ou abrindo um negócio próprio (8,33%), guardando o último os seus desejos para os seus filhos, esperando que o trabalho em AVANI lhes proporcione a oportunidade de acabar os estudos e arranjar um bom marido (no caso das filhas).

As respostas a esta pergunta podem ser melhor compreendidas quando conhecendo a natureza, os valores e as condições de vida das mulheres entrevistadas, pois a maior parte das mulheres não conhece muito para além daquilo que tem, não vivem numa sociedade que apele constantemente ao consumo, portanto, ter, materialmente, condições de vida básicas é-lhes suficiente. São humildes e sentem-se gratas pelo que a vida lhes dá. Em Digoli, notamos que um dos factores mais importantes para o futuro de uma rapariga é o seu casamento. É importante o momento em que uma rapariga se casa, é importante que tenha um bom casamento, com um bom marido, e apesar de este ser escolhido pelos pais (por arranjo), nota-se que há cada vez a vontade dos pais de deixarem esse factor à consideração da noiva (dando espaço à existência de um casamento por amor). As mulheres afectas aos Centros de Campo das duas outras vilas mostraram-se mais ambiciosas, manifestando o desejo de trabalhar de forma a melhorar as suas capacidades e o seu desempenho, aspirando ao sucesso, subindo na

carreira, ganhando um salário mais elevado ou abrindo o próprio negócio. Outro aspecto digno de consideração é a importância dada à educação, própria ou da futura geração (irmãos mais novos ou filhos), sendo que o desejo de muitas mulheres passa frequentemente pela vontade de estudo, pois é reconhecido que o estudo levará a uma vida melhor, a um melhor emprego e a menos dificuldades.

Algumas Pequenas Histórias de Vida

Aos quarenta anos, Kamla é supervisora do Centro de Campo de Chankana. Tendo nascido numa aldeia situada a perto de Chankana, Kamla nunca estudou, pois apesar de ter estado em casa até aos treze anos, idade em que se casou, sempre teve de ajudar a sua família no campo. Aos treze anos Kamla casou com um parceiro muitos anos mais velho que ela, mas o seu casamento não durou muito. Como muitos homens indianos, o seu marido tinha severos problemas com o álcool e era bastante agressivo. Portanto, antes de completar um ano de casamento, Kamla fugiu do marido, voltando para casa da mãe.

Sendo iletrada, tinha bastantes dificuldades a arranjar um emprego decente nas montanhas, portanto, antes de se juntar a AVANI, em 2002, ajudava a mãe com o gado, vendendo leite e leite coalhado como fonte única de rendimento, que lhes permitia apenas uma vida muito humilde.

Figura VI.20 Kamla



Figura VI.21 Meena



Quando soube da abertura de AVANI numa, Kamla decidiu tentar a sua sorte. Queria ser independente, viver por sua conta e tomar as rédeas da sua vida! Em 2010, oito anos após a sua adesão ao trabalho com AVANI, Kamla é uma mulher orgulhosa. Aprendeu a ler e a fazer contas básicas de matemática, a transformar das fibras em bobines manualmente e a tecer. Entregou-se ao projecto de corpo e alma e deu o seu melhor, subiu nos quadros e chegou ao cargo mais alto no seu Centro de Campo.

Ao contrário de Kamla, Meena acabara-se de juntar à vida do Campus principal em Tripuradevi, e estava ainda em formação. Aos vinte-e-nove anos, mãe de três, Meena é originalmente da aldeia de Kanda, situada a uma hora e meia a pé de Centro de Campo de Digoli.

Tendo casado com um marido arranjado, ao 16 e ficado logo grávida do primeiro filho, Meena apenas estudou até ao oitavo ano de escolaridade. Apesar de dez anos mais velho e com um severo problema com o álcool, o seu marido era um bom homem, acarinhando a família e sendo o único a trabalhar para sustentar a família. Nessa altura viviam bem.

No entanto, Meena ficou viúva aos vinte-e-seis, tendo sido deixada sozinha com três filhos para criar, sem educação que lhe permitisse arranjar um bom trabalho, nem campos que pudesse cultivar. Sentiu-se então obrigada a voltar para casa da sua família, tendo o seu irmão

mais velho ajudado monetariamente a sustentar a sua família. Mas Meena não queria que essa situação perdurasse, não queria ser sustentada pelo irmão para sempre! Então procurou emprego e começou a trabalhar como carregadora manual de pedra, um trabalho mal pago e de grande esforço físico, que não só não lhe permitia sustentar os filhos como lhe retirava o tempo para ser mãe.

Quando ouviu falar em AVANI em Digoli, procurou o Centro de Campo e tentou a sua sorte. Pouco tempo depois foi chamada para formação em Tripuradevi, em educação infantil durante a tarde e nos *stocks* da parte da manhã. Estando apenas em formação há três meses no momento da entrevista, Meena já era capaz de sustentar a sua família, sozinha, e parecia ter vontade de voltar a tomar as rédeas do seu próprio destino, andar para a frente com a sua vida, que estava em pausa desde a morte do marido.

Como estava em formação, apenas tinha o filho mais novo consigo, Ayus, de 6 anos. Contudo está a dar o melhor de si para ser bem-sucedida e ingressar no Campus principal como trabalhadora e ter a oportunidade de viver com todos os seus filhos no Campus. Meena não quer que a filha siga as suas pisadas, quer que tenha a oportunidade de estudar e tirar um curso superior (ela “é muito boa aluna”, diz com orgulho), que aprenda a ser independente para conseguir tomar conta do próprio destino.

Como podemos concluir através dos resultados obtidos, AVANI é uma plataforma para o crescimento individual e colectivo, dando às mulheres uma nova perspectiva através da realidade que conhecem. Ou seja, AVANI dá acesso a uma educação, formal e informal, tendo em conta factores culturais e sociais, a tradição, de forma a capacitar as mulheres para assim tomarem conta do seu próprio destino, e da sua comunidade, em conjunto. Promove uma aprendizagem conjunta e a participação na tomada de decisão da organização, sendo que o negócio social tem-se vindo a tornar independente da organização voluntária, passando a funcionar como cooperativa de produção.

Provavelmente devido ao trabalho desenvolvido em AVANI, começa a notar-se uma alteração nos padrões de casamento das mulheres, sendo que as mais novas não pretendem casar antes dos vinte-e-cinco anos, a quase uma década de distância da geração precedente. Notamos que AVANI pode ter tido um papel preponderante nesta alteração, pois as mulheres casadas fizeram-no devido à falta de recursos monetários, à pobreza extrema e portanto necessidade dos pais lhes encontrarem um marido, para poderem ter uma vida digna. Contudo,

significando AVANI um aumento no rendimento familiar (e individual), esta necessidade deixa de existir (não a de casar, mas a de o fazer muito cedo).

Apesar do trabalho positivo desenvolvido em AVANI, a organização não tem capacidade de abarcar todas as mulheres da região. Não há emprego para toda a gente. E apesar de ser uma esperança num local esquecido, não o é para todos. Apesar de serem capacitadas muitas mulheres, há também muitas mulheres que não ficam na organização após a conclusão da formação, sendo mandadas de volta para as suas aldeias, a horas infundáveis da estrada, para uma realidade pouco animadora, de agricultura de subsistência e falta de condições básicas de vida.

No entanto, são estas iniciativas que constituem, a meu ver, uma lufada de esperança. Um suspiro de alívio. É nestas experiências que podemos ver que não está tudo perdido e que o mundo tem ainda algo por que viver. Para poder fazer a diferença, mesmo que pequena. Porque se multiplicássemos iniciativas como esta, certamente não falaríamos de “36% de toda a pobreza mundial estar concentrada na Índia”, e perceberíamos que um dólar por dia pode ser uma esperança de uma vida melhor. Porque há necessidades básicas que não são satisfeitas monetariamente.

Conclusão

Se a economia tem um papel fundamental na modelização do carácter humano e os seus valores orientam a sua vida (Bento, 2009), então estou segura que o tão aclamado “mundo moderno” se dirige a uma velocidade furiosa para o abismo. O lucro cegou o homem e encaminhou-o para um caminho de autodestruição. Esses valores que se moldam àquilo que fazemos, despenalizando as manhas do mundo, regido por esta economia dúbia de um mundo ocidentalizado, apenas suplantados pelos valores intrínsecos às “crenças religiosas”. Religião essa que mora, cada vez mais, numa morada alheia.

Como podemos ver no primeiro capítulo, a crise de valores que hoje se evidencia tem provavelmente que ver com a vontade visceral que a economia teve, no século XVIII de se separar da sua vertente filosófica e valorativa para se tornar objectiva, matemática, científica. E tal como a economia moldou os valores do Homem, centrando-os em torno do que é matéria, assim se centrou também o desenvolvimento inicialmente, esse desenvolvimento que valorizou durante tantos anos o ocidente, que o pôs num pedestal! Contudo, hoje presente-se que o desenvolvimento não é um problema unicamente económico e as atitudes começam a mudar.

Apesar do ritmo acelerado deste dia-a-dia que não tem misericórdia pelos que ficam para trás, apesar da correria do mundo neste caminho para parte incerta, nem sempre o mais importante é “ter” sempre mais e mais. Nem todos os aspectos da vida e do mundo são regidos por essa ambição sem limites, éticos. Porque nem todos os países se desenvolveram por etapas (Rostow, 1961), se industrializaram e começaram a ouvir a economia mais alto do que os próprios corações, como no ocidente. E não está, de todo, correcto desejarmos aos outros aquilo que connosco não funcionou.

É então, já no século XX, que se começa a alterar a consciência, que se entende que talvez devêssemos pensar eticamente antes de agir, porque “desenvolvimento bem-intencionado pode ter custos terríveis!” (Crocker, 1991). Que se percebe que talvez tenhamos de ter alguns cuidados e respeito, uns pelos outros e pelo meio ambiente que nos rodeia. Apesar de temas associados com a Ética, o ambiente e a Economia terem caminhado por caminhos separados, podemos notar, como discutido nos capítulos três e quatro, que essa realidade se está a inverter. Existe uma urgência de “ser” melhor!

Penso que o mais importante não se prende com o valor monetário, com o que é material e mensurável. Importante são os valores subjectivos, que não se medem. A capacidade de amar o próximo e dar de nós, ser feliz e viver em harmonia neste sistema fechado, em que nada se perde e tudo se transforma, tocando-nos inevitavelmente a todo o momento. Importante é zelar pelas pessoas. Logo, “desenvolvimento” não é um processo que possa ocorrer sem tomar em consideração certos aspectos.

- É importante que as pessoas tenham o suficiente para poderem ser (Marangos & Astroulakis, 2009);
- É essencial que as pessoas se respeitem mutuamente, sejam tratadas com honra, dignidade e que sejam livres, tomem o seu destino nas suas próprias mãos (Marangos & Astroulakis, 2009);
- Deve-se aspirar ao menor impacto possível no meio ambiente, do qual fazemos inevitavelmente parte;
- O ser humano é naturalmente insaciável, mas nem sempre materialmente. Logo, é importante alimentar a sua necessidade através da aprendizagem ao longo da vida, de forma a capacitar para o melhor uso das ferramentas (materiais ou não) ao seu dispor.

Contudo, é fundamental entender a dimensão subjectiva da realidade. Aceitar que um comportamento aceite num determinado contexto cultural pode não o ser noutra. Que não há necessariamente uma maneira correcta de viver e levar a vida, ou desempenhar uma determinada tarefa. Há, contudo, uma forma tradicional de o fazer! Logo, a escolha do caminho de desenvolvimento, de soluções para os problemas vividos numa sociedade deve partir da própria comunidade. A sociedade deve ser o próprio veículo de mudança!

Em AVANI, podemos ver exactamente estes valores postos em prática. AVANI, a Terra, é uma base para o crescimento individual e colectivo. Uma organização voluntária que trabalha nas montanhas, tentando alterar os padrões de migração e fixar a população, criando a oportunidade para uma forma de vida sustentável. Sustentável pelas tecnologias que promovem: desde painéis solares e recentemente um gerador de energia eléctrica que funciona através da gasificação de agulhas de pinheiro, ajudando também à limpeza da floresta e evitando os fogos, a sistemas de colecta de água da chuva, até aos processos tradicionais usados na fabricação têxtil, centrados na utilização de materiais naturais e amigos do ambiente.

Contudo, AVANI não funciona sem as pessoas, incluindo-as inclusivamente no processo de tomada de decisão. Como podemos ver pelo grupo que formou a nossa amostra, as mulheres daquela região tomam AVANI como sendo uma melhoria na sua qualidade de vida e da sua família, sendo que têm agora um rendimento e se sentem respeitadas e independentes. E apesar de a moda continuar a ser a iliteracia, e mais de metade das mulheres terem apenas completado o quinto ano, nota-se uma alteração significativa face à anterior geração, a dos seus pais. Sendo que uma grande parte das mulheres entrevistadas (cerca de metade) tinha uma idade superior a trinta-e-cinco anos de idade, os resultados divergiram. Enquanto as mulheres mais velhas casaram ainda em idades muito jovens, as mais novas, que começaram a trabalhar com AVANI desde cedo, e não tencionam casar antes dos vinte e cinco anos de idade! Podemos então notar, que apesar de lentamente, AVANI tem sido um motor de mudança da sociedade, com a sociedade!

Um caminho ambiental e culturalmente consciente para a transformação sustentável de uma comunidade excluída pelas montanhas, inacessível, intangível. E tendo em conta as suas próprias falhas, em AVANI aspira-se a uma vida melhor, mais fácil, com a ajuda uns dos outros, não esquecendo a terra que os ajudou a crescer (agricultura de subsistência), e relembrando todos os dias a tradição (dos processos).

Devemos parar de vez em quando. Parar para olhar e ver o que nos rodeia, para escutar o que o mundo nos diz baixinho. Parar e olhar para dentro, avaliando se o que fazemos faz de facto, para nós, sentido, se nos faz gostar mais de nós e do próximo ou afastar do que é colectivo. Porque finalmente um dia deveríamos entender, depois de termos ouvido vezes incontáveis, que tudo está ligado. Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma (Antoine Lavoisier). E nós, Humanidade, fazemos parte dela.

FONTES

AVANI (1996-2009), Annual Reports

AVANI (1996), Constitution Documents

Carlin, George (2008), Sketch de Humor "Saving the Planet",

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eScDfYZMEEw>

Earthcraft Self Reliant Cooperative (2009), Business Plan

Ferreiro, Maria de Fátima e José Castro Caldas (no prelo) "Introdução ao Pensamento Económico: Notas Pedagógicas 2007-2008", Lisboa

<http://www.avani-kumaon.org/>

<http://www.barefootcollege.org/>

<http://www.earthcraft.in/>

<http://ejpe.org/>

<http://www.johannesburgsummit.org>

<http://www.eoearth.or>

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Rogério R., (2004). *Desenvolvimento: Um Conceito Ultrapassado ou em Renovação? - Da Teoria à Prática e da Prática à Teoria*, Lisboa: ISCTE.
- Anon. (2006), *O Estado do Mundo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Temas e Debates Actividades Editoriais Lda.
- Aristóteles (1998), *Política*. Lisboa: Vega.
- Bento, Vítor (2009), *Economia, Moral e Política*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Bissel, William Nanda (2009), *Making India Work*. New Delhi: s.n.
- Bruntland, G. H., (1987) *Our Common Future*, Oxford: Oxford University Press.
- Chenery, Hollis and T.N. Srinivasan (editors) (1998), *Handbook of Development Economics Volume I*, Amsterdam, Elsevier Science Publishers B. V.
- Crocker, David A. (1991), "Towards Development Ethics" *World Development*, 19, N°5(Development Ethics), pp. 457-483.
- Goulet, Denis (1996), "A New Discipline: Development Ethics" August: Working Paper #231.
- Haen, R.and R.R. Wilk (2006), *The Environment in Anthropology: A Reader in Ecology, Culture and Sustainable Living*. Nova Iorque: New Yourk University Press.
- Marangos, J. & N. Astroulakis (2009), "The Institutional Foundation of Development Ethics", *Journal of Economic Issues*, XLIII, 2 (Association for Evolutionary Economics), pp. 381-389.
- Meadows, H. et al (1972), *The Limits to Growth: A Report for the Club of Rome's Project on Predicament of Mankind*. Londres: Earth Island.
- Nayyar, Deepak (2006), "Development through Globalization", March, 200/29, UNU-WIDER,
- Disponível em: http://www.wider.unu.edu/publications/working-papers/research-papers/2006/en_GB/rp2006-29/
- Nussbaum, Martha and Amartya Sen (2005), *The Quality of Life*, 9th Ed, Oxford, Clarendon Press
- Perman, R., (2003), *Natural Resources and Environmental Economics*. 3^a ed. Essex: Pearson Education Limited.
- Rothschild, Emma (2002), *Economic Sentiments: Adam Smith, Condorcet and the Enlightenment*, Cambridge-Massachusetts, Harvard University Press
- Sen, A., (1987-1988) *On Ethics and Economics*. Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Singer, P., (2005), *Como havemos de viver? A ética numa época de individualismo*. 1^a ed. Lisboa: Dinalivro.
- Sousa, Alfredo de (1970-1971), *Desenvolvimento Económico e Social - Resumo das Lições de Alfredo de Sousa*, Lisboa, Instituto de Estudos Sociais
- Terzani, T., (2009) *Disse-me um Adivinho*. Lisboa: Edições Tinta da China.
- Wagle, Udaya (2002), "Rethinking Poverty: Definition and Measurement", Oxford, UNESCO, Blackwell Publishers,

Disponível

em:

<http://intranet.catie.ac.cr/intranet/posgrado/Met%20Cual%20Inv%20accion/Semana%201/wagle.pdf>

ANEXOS

ANEXO A

Interview Model

We are two students from the ISCTE-IUL University, in Portugal. We are training at AVANI (Tripuradevi) during one month. AVANI asked us to do a research about the impacts of training at AVANI on women. Your personal information will only serve for the AVANI artisan's data base, and will therefore be safeguarded for any other purpose.

Name:

Age:

AVANI centre:

Schooling/ Graduation:

Marital Status:

What age were you when you got married?

Number of children:

Do you have any dependents? If so, how many?:

If unmarried:

- 1) Do you want to get married?:
- 2) At what age do you expect to get married?:

Education/graduation of the parents:

Mother:

Father:

Economic activity of the parents

Mother:

Father:

What was your life like before knowing the AVANI project?:

(marital situation, economic empowerment..

AVANI Training: changes' evaluation

When were you introduced to the AVANI project?:

Training:

Year of training:

If it wasn't for your training at AVANI, where would you be employed?

What do you believe to be the most significant change in your life since coming in touch with AVANI?:

Wage before coming to/ training at AVANI:

Actual Wage:

Do you have a Savings Bank Account?:
month?:

How much do you save per

Because of your training at AVANI, what are your expectations for the future?:

ANEXO B**PARTE 1**

Nº	Name	Age	Center	Village	Schooling	M Status	M Age	N of Child
1	Mala Bora	20	Digoli	Digoli	8	1		0
2	Manju Bora	20	Digoli	Mana	5	1		0
3	Gabita Bora	20	Digoli	Digoli	8	1		0
4	Sunita Bora	17	Digoli	Digoli	5	1		0
5	Tara Bora	19	Digoli	Digoli	8	1		0
6	Lalita Panchpal	26	Tripuradevi	Simgari	12	5		0
7	Kamla Devi	40,5	Digoli	Dholani	0	2	15	4
8	Bachuli Devi	40	Digoli	Dholani	0	2	18,5	3
9	Koshlya Devi	45	Digoli	Dholani	0	2	14	4
10	Laxmi Devi	45,5	Digoli	Dholani	0	2	16	5
11	Kalawety Devi	42,5	Digoli	Dholani	0	2	18	4
12	Givanti Devi	40	Digoli	Dholani	0	2	16	4
13	Sobha Devi	31	Digoli	Dholani	8	2	16	2
14	Naduli Devi	80	Digoli	Dholani	0	3	14	8
15	Deepa Bora	24	Digoli	Digoli	5	1		0
16	Aassa Devi	35	Digoli	Digoli	3	2	15	4
17	Sabllly Devi	40	Digoli	Digoli	0	2	15	5
18	Bina Bora	20	Digoli	Digoli	5	1		
19	Janky Devi	66	Digoli	Digoli	0	2	7	8
20	Sunita Bora	21	Digoli	Digoli	8	1		
21	Madhuli Devi	53	Digoli	Digoli	0	2	15	3
22	Kanla Devi	38	Digoli	Digoli	0	4	17	2
23	Sarojni Devi	25	Digoli	Digoli	0	2	16	2
24	Kussly Devi	45	Digoli	Digoli	0	2	17	5
25	Shanti Devi	30,5	Digoli	Digoli	0	2	17	4
26	Anuli Devi	45	Digoli	Digoli	0	2	15	3
27	Tulsi Devi	30	Digoli	Digoli	0	2	16	4
28	Devky Devi	40	Digoli	Digoli	0	2	14	1
29	Jivanti Devi	27	Digoli	Matgoli	0	4	19	0
30	Revti Bora	25	Digoli	Dholani	8	1		
31	Kamla Bora	23	Digoli	Digoli	5	1		
32	Rodyli Devi	49	Digoli	Dholani	0	3	17	0
33	Mathura Devi	57	Digoli	Matgoli	0	2	14	7
34	Anuli Devi	50	Digoli	Matgoli	0	3	16	1
35	Anuli Devi	50	Digoli	Matgoli	0	4	21	0
36	Kisny Devi	37	Digoli	Matgoli	0	2	21	4
37	Anandi Devi	40	Digoli	Matgoli	5	2	18	3
38	Basanti Devi	50	Digoli	Matgoli	0	2	13	3
39	Neema Bora	17	Digoli	Dholani	5	1		

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

40	Vimla Devi	32	Digoli	Mana	0	2	18	2
41	Rekha Devi	32	Digoli	Mana	12	2	24	3
42	Dvivanty Devi	80	Digoli	Mana	0	3	12	2
43	Rubasy Devi	70	Digoli	Mana	0	2	15	4
44	Janky Devi	45	Digoli	Mana	0	2	21	2
45	Djivanty Devi	40,5	Digoli	Mana	0	3	21	1
46	Anandi Devi	45	Digoli	Mana	0	3	12	4
47	Savitny Devi	45	Digoli	Mana	5	2	13	5
48	Devky Devi	60	Digoli	Mana	0	2	17	4
49	Nandi Devi	45	Digoli	Mana	0	2	18	3
50	Laxmi Devi	50	Digoli	Digoli	0	2	13	6
51	Tulsi Devi	60	Digoli	Digoli	0	2	15	1
52	Roduli Devi	50	Digoli	Digoli	0	3	15	3
53	Tulsi Devi	50	Digoli	Digoli	0	2	13	6
54	Madhuli Devi	45	Digoli	Digoli	0	3	14	3
55	Sita Koli	21	Tripuradevi	Pilkhi	10	1		
56	Manisha Arya	27	Tripuradevi	Tejam	15	1		
57	Mina Bhandhri	29	Tripuradevi	Kanda	8	3	16	3
58	Giita Arya	25	Tripuradevi	Thad	7	3	16	2
59	Sunita Arya	20	Tripuradevi	Manipur	17	1		
60	Prima Arya	20	Tripuradevi	Parbiaha	10	1		
61	Sumhan Sangruri	18	Tripuradevi	Manipur	14	1		
62	Rekha Arya	21	Tripuradevi	Tripuradevi	8	1		
63	Prabha Upreti	28	Tripuradevi	Tanga	12	2	23	2
64	Bobita Sanguri	18	Tripuradevi	Raiger	14	1		
65	Kiran Bandhari	17	Tripuradevi	Bandhari	6	1		
66	Manta Lohai	18	Tripuradevi	Papbhya	8	1		
67	Rekha Aghri	19	Tripuradevi	Naduligara	8	1		
68	Goddy Arya	18	Tripuradevi	Pithoragarth	10	1		
69	Uma Mehra	18	Tripuradevi	Meharodi	8	1		
70	Neema Devi	28	Tripuradevi	Banoli	10	2	18	3
71	Hema Agri	30	Tripuradevi	Berlaagar	8	3	16	2
72	Parvati Devi	48	Sukna	Ram Mandir	0	2	18	4
73	Kamla Bora	40	Chankana	Pungarkholi	0	4	13	0
74	Sarita Bora	21	Chankana	Chankana	8	1		
75	Deepa Bora	22	Chankana	Pungarkholi	8	1		
76	Kumari Hira	18	Chankana	Bhoni	8	1		
77	Rashmi Bora	21	Chankana	Gartir	8	5	21	
78	Devki Bora	26	Chankana	Malani	8	4	19	0
79	Vandana Bora	22	Chankana	Gartir	10	1		
80	Munni Devi	33	Chankana	Malani	8	2	16	2
81	Bharti Devi	45	Chankana	Malani	5	2	18	4
82	Chandra Bora	25	Chankana	Gartir	8	1		
83	Pushpa Boryal	19	Chankana	Ligurani	10	1		
84	Dolly Bora	21	Chankana	Gartir	8	1		

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

N ^o	Single: choice	Single: age	Husband	Education M	Education F	Activity M	Activity F	Life before AVANI
1	0	0		0	10	HSW	SHP	-1
2	-1	-1		0	0	AGR	X	-1
3	0	25		0	0	HSW	BLD	-1
4	-1	-1		0	0	HSW	MGT	-1
5	1	26,5		0	0	HSW	BLD	-1
6	0	26		5	0	SLL	X	-1
7			BLD	0	0	AGR	AGR	0
8			UNE	0	0	SLL	X	-1
9			AGR	0	0	AGR	AGR	0
10			SHP	0	0	AGR	AGR	-1
11			MGT	0	0	AGR	AGR	0
12			MGT	0	0	HSW	MGT	-1
13			MGT	0	0	HSW	GVM	-1
14			x	0	0	AGR	AGR	0
15	0	30		0	0	AGR	AGR	-1
16			BLD	0	0	HSW	ARM	-1
17			MGT	0	0	AGR	AGR	-1
18	0	25		0	10	AGR	SLL	-1
19			AGR	0	x	AGR	x	0
20	0	25,5		0	0	AGR	AGR	-1
21			MGT	0	0	AGR	AGR	0
22			x	0	0	AGR	AGR	-1
23			AGR	0	0	AGR	BLD	-1
24			AGR	0	0	AGR	AGR	0
25			RSN	0	0	AGR	AGR	-1
26			MGT	0	0	AGR	AGR	-1
27			MGT	0	0	AGR	BLD	-1
28			MGT	0	x	AGR	x	-1
29			x	x	0	x	CARP	-1
30	-1	x		0	x	AGR	x	-1
31	1	30		0	0	AGR	AGR	-1
32			x	0	0	AGR	CARP	-1
33			BLD	0	0	AGR	AGR	0

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

3								
3			X	0	0	AGR	AGR	-1
4								
3			x	x	x	x	x	-1
5								
3			BLD	0	0	x	x	-1
6								
3			BLD	0	0	HSW	GVM	1
7								
3			CAT	0	0	X	X	0
8								
3	0	x		0	5	AGR	AGR	-1
9								
4			MGT	0	0	HSW	BLD	-1
0								
4			IVL	0	10	HSW	TCH	-1
1								
4			x	0	0	AGR	AGR	-1
2								
4			NONE	0	0	AGR	BLD	-1
3								
4			CAT /	0	0	AGR	AGR	0
4			BLD					
4			x	0	0	AGR	AGR	-1
5								
4			x	0	0	AGR	AGR	-1
6								
4			SHP	0	0	HSW	ARM	-1
7								
4			AGR	0	0	AGR	BLD	0
8								
4			AGR	0	0	AGR	AGR	-1
9								
5			BLD	0	0	AGR	AGR	-1
0								
5			AGR	0	0	AGR	AGR	-1
1								
5			x	0	0	AGR	AGR	-1
2								
5			AGR	0	0	AGR	AGR	-1
3								
5			x	0	0	AGR	AGR	0
4								
5	1	25,5		0	10	HSW	MGT	-1
5								
5	1	x		2	0	TLR	GVM	-1
6								
5			x	5	17	HSW	MGT	-1
7								
5			x	0	0	HSW	ARM	-1
8								
5	0	23		0	8	HSW	AGR	0
9								
6	-1	x		0	3	AGR	AGR	1
0								
6	-1	x		8	8	HSW	ARM	0
1								
6	1	23,5		0	0	HSW	BLD	0
2								
6			COOK	5	10	HSW	MGT	-1
3								
6	-1	21		5	8	AGR	AGR	0
4								
6	-1	23,5		5	10	HSW	NONE	-1
5								

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

66	-1	23,5		0	6	HSW	BLD	0
67	0	24,5		0	0	HSW	ARM	-1
68	-1	23,5		5	8	HSW	IVL	0
69	1	22,5		8	8	HSW	SHP	0
70			CARP	6	8	HSW	COOK	-1
71			X	0	0	HSW	BLD	-1
72			ARM	0	0	X	X	0
73				0	0	HSW	ARM	-1
74	0	27		0	0	HSW	ARM	0
75	1	0		0	0	HSW	ARM	-1
76	-1	30		0	0	AGR	AGR	-1
77				0	0	AGR	AGR	-1
78			MGT	0	0	AGR	AGR	0
79	-1	28		0	7	HSW	MGT	-1
80			MGT	0	0	HSW	GVM	-1
81			SHP	0	0	AGR	AGR	-1
82	-1	-1		0	0	AGR	BLD	0
83	1	25		0	0	AGR	AGR	-1
84	0	25		0	8	AGR	AGR	-1

PARTE 2

Nº	Name	Age	Center	Schooling	Introduced (Y)	Fields of Training
1	Mala Bora	20	Digoli	8	2009	2,3
2	Manju Bora	20	Digoli	5	2006	4
3	Gabita Bora	20	Digoli	8	2008	4
4	Sunita Bora	17	Digoli	5	2009	2
5	Tara Bora	19	Digoli	8	2008	2,4
6	Lalita Panchpal	26	Tripuradevi	12	1999	6,7,8
7	Kamla Devi	40,5	Digoli	0	2005	1
8	Bachuli Devi	40	Digoli	0	2004	0
9	Koshlya Devi	45	Digoli	0	2006	0
10	Laxmi Devi	45,5	Digoli	0	2004	0
11	Kalawety Devi	42,5	Digoli	0	2007	0
12	Givanti Devi	40	Digoli	0	2005	-1,4
13	Sobha Devi	31	Digoli	8	2002	4
14	Naduli Devi	80	Digoli	0	2002	0

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

15	Deepa Bora	24	Digoli	5	2009	4
16	Aassa Devi	35	Digoli	3	2007	0
17	Sably Devi	40	Digoli	0	2003	0
18	Bina Bora	20	Digoli	5	2007	2,3
19	Janky Devi	66	Digoli	0	2002	0
20	Sunita Bora	21	Digoli	8	2006	2,9
21	Madhuli Devi	53	Digoli	0	2007	0
22	Kanla Devi	38	Digoli	0	2002	0
23	Sarojni Devi	25	Digoli	0	2002	0
24	Kussly Devi	45	Digoli	0	2005	0
25	Shanti Devi	30,5	Digoli	0	2009	0
26	Anuli Devi	45	Digoli	0	2009	0
27	Tulsi Devi	30	Digoli	0	2004	0
28	Devky Devi	40	Digoli	0	2002	0
29	Jivanti Devi	27	Digoli	0	2006	9
30	Revti Bora	25	Digoli	8	2002	3
31	Kamla Bora	23	Digoli	5	2003	2,3
32	Rodyli Devi	49	Digoli	0	1999	2,3
33	Mathura Devi	57	Digoli	0	2002	0
34	Anuli Devi	50	Digoli	0	2002	0
35	Anuli Devi	50	Digoli	0	2004	2
36	Kisny Devi	37	Digoli	0	2007	0
37	Anandi Devi	40	Digoli	5	2004	0
38	Basanti Devi	50	Digoli	0	2002	0
39	Neema Bora	17	Digoli	5	2009	2
40	Vimla Devi	32	Digoli	0	2002	0
41	Rekha Devi	32	Digoli	12	1998	0
42	Dvivanty Devi	80	Digoli	0	2002	0
43	Rubasy Devi	70	Digoli	0	2002	0
44	Janky Devi	45	Digoli	0	2002	0
45	Djivanty Devi	40,5	Digoli	0	2002	0
46	Anandi Devi	45	Digoli	0	1998	0
47	Savitny Devi	45	Digoli	5	2002	1
48	Devky Devi	60	Digoli	0	1996	0
49	Nandi Devi	45	Digoli	0	2003	0
50	Laxmi Devi	50	Digoli	0	2002	0
51	Tulsi Devi	60	Digoli	0	2002	0
52	Roduli Devi	50	Digoli	0	2002	0
53	Tulsi Devi	50	Digoli	0	2002	0
54	Madhuli Devi	45	Digoli	0	2002	0
55	Sita Koli	21	Tripuradevi	10	2008	11,12
56	Manisha Arya	27	Tripuradevi	15	2003	13
57	Mina Bhandhri	29	Tripuradevi	8	2010	14
58	Giita Arya	25	Tripuradevi	7	2009	13
59	Sunita Arya	20	Tripuradevi	17	2010	9

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

60	Prima Arya	20	Tripuradevi	10	2008	0
61	Sumhan Sangruri	18	Tripuradevi	14	2010	2,9
62	Rekha Arya	21	Tripuradevi	8	2003	3
63	Prabha Upreti	28	Tripuradevi	12	2007	17,9
64	Bobita Sanguri	18	Tripuradevi	14	2010	2
65	Kiran Bandhari	17	Tripuradevi	6	2007	2
66	Manta Lohai	18	Tripuradevi	8	2010	2
67	Rekha Aghri	19	Tripuradevi	8	2008	5
68	Goddy Arya	18	Tripuradevi	10	2006	3
69	Uma Mehra	18	Tripuradevi	8	2008	2,3,9
70	Neema Devi	28	Tripuradevi	10	2007	2
71	Hema Agri	30	Tripuradevi	8	2002	2,3
72	Parvati Devi	48	Sukna	0	1996	18
73	Kamla Bora	40	Chankana	0	2002	2,3
74	Sarita Bora	21	Chankana	8	2007	17
75	Deepa Bora	22	Chankana	8	2002	2,3
76	Kumari Hira	18	Chankana	8	2009	2,3
77	Rashmi Bora	21	Chankana	8	2004	1,2,3
78	Devki Bora	26	Chankana	8	2010	9
79	Vandana Bora	22	Chankana	10	2007	1,2,3
80	Munni Devi	33	Chankana	8	2010	2
81	Bharti Devi	45	Chankana	5	2010	2
82	Chandra Bora	25	Chankana	8	2007	1,2,3
83	Pushpa Boryal	19	Chankana	10	2010	2
84	Dolly Bora	21	Chankana	8	2007	2,9

Nº	Year of Training	Actual Activity	Employment Before	Wage Before	Actual Wage	Savings	Sav. Rps
1	2009	2	0	0	1000	0	0
2	2006	4	0	0	1500	1	100
3	2008	4	1	0	2000-2500	0	0
4	2009	2	0	0	1000	0	0
5	2008	4	0	0	2000-3000	1	100
6	1999,2001,2005	8	0/2	0	3500	3	500
7	2005	-1,1	0	0	40-50	0	0
8	0	-1	3	400	100-120	0	0
9	0	-1,1	0	0	27	0	0
10	0	1	4	0	40-50	2	20
11	0	-1	4	0	30-40	0	0
12	0	-1,4	0	14-50	50-60	2	20
13	2007	4	0	0	60	2	20
14	0	1	4	40	200	2	20
15	2009	2,4	0	0	1000-1500	2	100
16	0	1	0	0	100-200	2	20
17	0	-1,1	0	0	40-50	0	0

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

18	2007 2010	3	0	0	1000-1500	2	100
19	0	-1,1	0	0	50-60	2	25
20	2006	9	0	0	1000	1,2	100,25
21	0	-1	0	0	1000	2	25
22	0	-1,1	0	0	40-50	2	25
23	0	1	0	0	50-60	0	0
24	0	1	0	0	10	0	0
25	0	1	0	0	3,333333333	0	0
26	0	-1	0	0	33,33333333	0	0
27	0	10,1	0	0	100	2	20
28	0	10,1	0	0	200	2	20
29	2006	9	0	0	850	0	0
30	2002	3	0	0	1500-2000	2	100
31	2003	3,4	0	0	1500-2000	2	100
32	1999	2,3	0	0	1500	2	100
33	0	-1,1	0	0	100-150	2	10
34	0	-1,1	X	60	40-100	2	10
35	2004	-1,1,2	0	0	400-500	2	10
36	0	-1,1	0	0	40-50	0	0
37	0	-1,1	0	0	30	0	0
38	0	-1,1	0	0	30	2	10
39	2009	9	0	0	900	2	100
40	0	-1,1	0	0	10 – 20	2	20
41	0	-1,1	0	0	15-20	2	20
42	0	1	0	0	10 – 20	0	0
43	0	-1,1	0	0	5 – 10	0	0
44	0	1	0	0	20-25	1	25
45	0	1	3	0	20-25	0	0
46	0	1	5	0	50-100	2	20
47	2002	1	0	0	30-40	2	25
48	0	1	0	0	15	2	20
49	0	1	0	0	40-50	2	20
50	0	-1,1	0	0	50-60	0	0
51	0	1	0	0	50-60	0	0
52	0	1	0	0	50-60	2	20
53	0	-1,1	0	0	50	0	0
54	0	-1,1	0	0	50	0	0
55	2008	4,12	0	0	1780	1,3	500 – 250
56	2003	15	6	1500-2000	3000	2	100
57	2010	9	3	750	1500	1	166,6666667
58	2009	16	7	1200	1200	0	0
59	2010	9	6	0	1000	0	0
60	0	9	0	0	1000	1	100
61	2010	2,9	6	0	1000	0	0
62	2003	3,4	8	0	1500-2000	2	100

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

63	2007	17	9	0	1000	0	0
64	2010	2	10	0	1000	0	0
65	2007	2	0	0	1000	1	200
66	2010	2	0	0	1000	0	0
67	2009	5	8	800	1200-1500	1	100
68	2006	3	9	0	2000-2500	1	400
69	2008	3	8	0	1500-2000	0	0
70	2007	15	0	0	2000	3	240
71	2002	3	0	0	2000-2500	1	400
72	X	1,19	0	25-30	40-50	0	0
73	2002	15	4	2000	2700	1,2	966,67 – 100
74	2007	15	0	0	1750	1	100
75	2002	3	0	0	1500-2000	1,2	150 – 50
76	2009	3	0	0	1200	2	50
77	2004	3	1	0	1500	2	50
78	2010	9	1	0	1000	0	0
79	2007	3	0	0	1500-2000	2	50
80	2010	2	1,4	0	1200	0	0
81	2010	2	0	0	500	0	0
82	2007	3	8	700-1500	700-1500	1	100
83	2010	2	0	0	1500	0	0
84	2002	9	0	0	1000	2	50

Chave

	Key
Better	1
Same	0
Worse	-1
No answer	x

Savings	Key
No	0
Yes	1
Women's Group	2
Fund	3

Employment Before	Key
Wouldn't be employed	0
Agriculture	1
Migrated	2
Stone carrier	3
Cattle	4
Bridge maker	5
Training to be a teacher	6
Builder	7
Taylor	8
Anywhere	9
Private company	10

Marriage Question	Key
Yes	1
Parents' Will	0
No	-1
No answer	x

	Key
Single	1
Married	2
Widow	3
Divorced/Separated	4
About to marry	5

Qualifications	Key
Illiterate	0

Schooling	Key
BA complete	15
MA complete	17

Os Limites Éticos ao Desenvolvimento: Estudo de Caso AVANI - No sopé dos Himalaias

Economic Activity	Key
Agriculture	AGR
Housewife	HSW
Builder	BLD
Army	ARM
Shop owner	SHP
No work	NONE
Migrated	MGT
Seller (Agr products)	SLL
Government Job	GVM
Resine	RSN
Carpinter	CARP
Cattle	CAT
Teacher	TCH
Invalid	IVL
Taylor	TLR
Cook	COOK
Accountancy	ACT

Fields of training	Key
Spining	1
Reeling and bobine	2
Weaving	3
Knitting	4
Taylor	5
Natural dye	6
Center supervisor	7
SAG Supervisor	8
Finishing	9
Dye material powder	10
Dyeing	11
Accounting	12
Raw material	13
Teaching to children	14
stock	17
Health training	18

Actual activity	Key
Dye material collection	-1
Supervisor	15
Stock helper	16
Delivery Nurese	19